Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Ciências Sociais

Luna Zarattini

Mariana Esprega

Mariana Jacinto

Mayara Pan

Ticiana Labate

“Um trabalho como outro qualquer”: impressões de empregadas domésticas sobre os limites da formalização

Métodos e Técnicas de Pesquisa II

Professora Paula Marcelino

São Paulo, 2012

Sumário

1. Parte I: O problema da pesquisa ..... p. 2

2. Parte II: O trabalho de campo ..... p. 6

3. Parte III: Análise ..... p. 10

Conclusão ..... p. 14

4. Anexos ..... p. 16

I. Entrevistas ..... p. 16

Entrevista com Ana ..... p. 16

Entrevista com Antônia ..... p. 24

Entrevista com Cida ..... p. 27

Entrevista com Cida ..... p. 36

Entrevista com Madá ..... p. 48

Entrevista com Mardete ..... p. 52

Entrevista com Maria ..... p. 56

Entrevista com Valdirene ..... p. 60

II. Histórias de vida ..... p. 68

História de vida: Fernanda ..... p. 68

História de vida: Rose ..... p. 80

III. Roteiros ..... p. 83

Parte I: O problema da pesquisa

Esta pesquisa tem como tema as empregadas domésticas e a formalização do trabalho.

Analisando o emprego doméstico no Brasil nos últimos anos, nota-se que este passou por mudanças significativas no que concerne à conquista de direitos, pois trata-se de uma categoria de trabalhadores que são regidos por legislação específica. A Lei nº 5.859/1972, que regulamentou pela primeira vez a disposição sobre a profissão de empregado doméstico no Brasil, infere que é necessária a apresentação da carteira de trabalho do empregado para que o mesmo seja admitido, de modo que o registro de trabalho das empregadas domésticas se dá a partir desta lei. Outras conquistas que merecem ser citadas foram propiciadas pela Constituição Federal de 1988, que estabeleceu os direitos a salário mínimo, irredutibilidade de salários, 13º salário, repouso semanal remunerado, um terço a mais de salário nas férias e licença maternidade e paternidade. Mais recentemente, com a Lei nº 11.324/2006, foram ampliados os direitos de descanso remunerado em feriados, 30 dias corridos de férias, estabilidade à gestante e ficou vedado o desconto por fornecimento de alimentação, vestuário, higiene ou moradia. Apesar disso, temos hoje 5,2 milhões de domésticas na informalidade para apenas 2 milhões de domésticas formalizadas.[1] Calcula-se que, entre as mulheres desempenhando serviço doméstico, grande parcela não terá direito a aposentadoria e a demais benefícios da Previdência Social (tal como o auxílio-doença).[2]

Para além da questão legal, o estudo do emprego doméstico no Brasil é relevante, pois é capaz de nos fornecer componentes importantes para o estudo das relações sociais no país, especialmente no que concerne às dinâmicas de classe, raça e gênero. Um trabalho que é usualmente comandado por relações “pessoais”, do âmbito do lar, revela amplas relações entre sujeitos sociais. Segundo Melo (1988), “o serviço doméstico remunerado é a principal ocupação das mulheres brasileiras” e “essa atividade é um dos subsetores econômicos de pior remuneração no Brasil”[3]. Afinal, a conquista de direitos deixa de remontar o emprego doméstico à herança escravocrata do Brasil? Melo (1988),

[1] AVELINO, Mario. O futuro do emprego doméstico no Brasil. Instituto Doméstica Legal. 1a. Edição – Versão 1.06. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2011. Capa do livro.
[2] SILVA, Cleusa Aparecida da. Núcleo de reflexão feminista sobre o mundo do trabalho produtivo e reprodutivo. Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico. 1 ed. 2008 SOS Corpo. pp. 117.
[3] MELO, H. P de. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. Diagnóstico do Setor Serviços no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA, 1988. pp. 26.

ao fazer considerações sobre a origem histórica do serviço doméstico, observa que, no século XIX, as famílias brasileiras tinham, além de escravas domésticas, mocinhas para auxílio no lar, prestando uma espécie de “ajuda contratada”. Após a abolição da escravatura, esta tornou-se a maior fonte de trabalho feminino. A industrialização e a urbanização transformaram tal “ajuda contratada” em serviço doméstico.

Considerando-se, então, o contexto em que se insere o emprego doméstico no Brasil, devemos considerar como esse imaginário influencia nas relações travadas entre patrões e empregadas na atualidade. A maneira como as classes média e alta brasileiras tratam o emprego doméstico colabora para a maneira pela qual a subjetividade das empregadas domésticas é construída?

Ainda, deve-se considerar outro aspecto fundamental relativo ao emprego doméstico: aquilo que diz respeito à contradição entre o público, ou âmbito usualmente considerado de trabalho e o âmbito particular, do lar. Assim, um trabalho que envolve a dimensão individual do âmbito do lar significa um avanço ou um retrocesso no que diz respeito à formalização do emprego doméstico? Como a formalização se encaixa nas dinâmicas produzidas pelas esferas pública e privada do trabalho doméstico?

Com essas questões postas, nos perguntamos como as empregadas domésticas se veem neste trabalho. A formalização acarreta valorização do trabalho desempenhado ou não? Em que medida a conquista de direitos é uma via para a luta contra um trabalho historicamente fundado em relações hierárquicas? Para além disso, como a obtenção de direitos com a carteira assinada influencia no surgimento de novos interesses na organização de classe das empregadas domésticas?

Nos colocamos por fim o seguinte questionamento: em que medida obter a formalização do trabalho interfere na vida das empregadas domésticas, considerando-se tal interferência sob os aspectos da obtenção de direitos, bem como no que concerne à valorização da função desempenhada em seu caráter subjetivo?

A partir desta problemática, definimos duas hipóteses de pesquisa: na primeira hipótese apontamos que as empregadas domésticas sentem-se valorizadas, pessoal e profissionalmente, com a formalização do trabalho. Já nossa segunda hipótese coloca que, à medida que as empregadas domésticas adquirem a formalização empregatícia, novos interesses políticos e sociais podem ser estimulados.

Para trabalhar com esse problema de pesquisa, definimos que faríamos entrevistas

e histórias de vida com empregadas domésticas que possuíssem carteira assinada. Chegamos até as entrevistadas através de contatos próximos ou por indicação das próprias empregadas. Todas as entrevistas foram realizadas na região metropolitana de São Paulo, durante o período de final de outubro a começo de dezembro do ano de 2012.

Para a pesquisa, selecionamos alguns textos e livros que compõem a bibliografia, que se seguem abaixo.

Bibliografia Obrigatória

AVELINO, Mario. *O futuro do emprego doméstico no Brasil*. Instituto Doméstica Legal. 1a. Edição – Versão 1.06. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2011.

BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria Rosa. *A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo*. Cad. Pesqui. [online]. 2000, n.110, pp. 67-104. ISSN 0100-1574.

MELO, H. P de. *O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras*. Diagnóstico do Setor Serviços no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA, 1988.

SILVA, Christiane Leolina Lara. *O trabalho de empregada doméstica e seus impactos na subjetividade*.

SILVA, Cleusa Aparecida da. *Organização das trabalhadoras domésticas e as relações políticas*. Núcleo de reflexão feminista sobre o mundo do trabalho produtivo e reprodutivo. Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico. 1 ed. 2008 SOS Corpo.

Bibliografia Complementar

Trabalho Doméstico – Direitos e Deveres (3ª edição). Brasília: Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), 2007.

Utilizamos o livro de Mário Avelino, “O Futuro do Emprego Doméstico no Brasil” tanto na obtenção de dados e na utilização de tabelas quanto em suas análises sobre o emprego doméstico no Brasil, especialmente no que diz respeito ao processo de obtenção de direitos e formalização.

O texto “A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo” levanta uma questão importante acerca da carteira de trabalho: esta torna-se um incentivo para maior permanência no emprego, beneficiando, além da própria empregada, os empregadores na medida que reduz a rotatividade e alta troca de emprego que configura o trabalho doméstico. Além disso, o artigo traz a questão da jornada de trabalho que é cara para as empregadas domésticas já que não é regulamentada. Por isso, as jornadas de trabalho acabam sendo as maiores nesse tipo de emprego.

O artigo “O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras domésticas” traz um panorama histórico do trabalho doméstico e, portanto, a questão cultural envolvida. Segundo o artigo, a maneira de tratar o trabalho doméstico é diferenciada em relação a outras atividades remuneradas pelo fato dessa atividade específica se organizar no ambiente familiar. A legislação acaba desta forma sendo especial: os trabalhadores domésticos não são contemplados pela CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) que regula todas as outras atividades trabalhistas. Além disso, o artigo traz a questão de que o trabalho doméstico só se torna remunerado na contratação de uma terceira pessoa para prestar serviços de uma casa que não é dela. O trabalho doméstico antes de tudo é considerado uma situação normal que é realizada pela família e para a família.

Como nossa hipótese de pesquisa envolve o tema da valorização da empregada doméstica em seu trabalho com a formalização, utilizamos o artigo “O trabalho de empregada doméstica e seus impactos na subjetividade” para trabalhar com o impacto que o trabalho de empregada doméstica e a conquista de direitos possuem nesta categoria, remetendo à “condição de empregada doméstica”, analisada pelo artigo.

No artigo “Organização das trabalhadoras domésticas e as relações políticas”, Cleusa Aparecida da Silva apresenta o histórico da evolução dos direitos trabalhistas das empregadas domésticas, ressaltando a importância que a articulação e o envolvimento político dessas trabalhadoras teve (e ainda tem) para a conquista de novos direitos para a

categoria. Com o objetivo de construir esse panorama, a autora descreve o perfil do empregado doméstico (majoritariamente representado por mulheres negras), apontando as condições abusivas que dominaram o trabalho doméstico no passado e os benefícios conquistados com a criação de novas legislações. A formalização do emprego doméstico é, para autora, fundamental para a melhoria das condições sociais das trabalhadoras dessa categoria. Da mesma forma, ao construirmos nossas hipóteses, partimos da ideia de que a formalização impacta diretamente e positivamente a vida das empregadas domésticas. Diz a autora:

> Segundo dados da PNAD de 2004, enquanto entre as trabalhadoras domésticas brancas 28,6% possuíam carteira de trabalho assinada, esta proporção é de 22% entre as negras. Dessa situação, resulta que, do total de mulheres no emprego doméstico, grande parcela dificilmente terá direito a requerer a aposentadoria e os demais benefícios da Previdência Social, tais como auxílio-doença e outros, obtidos a partir da contribuição ao sistema previdenciário. (SILVA, Cleusa Aparecida da. *Organização das trabalhadoras domésticas e as relações políticas*. Núcleo de reflexão feminista sobre o mundo do trabalho produtivo e reprodutivo. Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico. 1 ed. 2008 SOS Corpo.).

Sobre esse trecho, nosso pensamento se construiu da seguinte forma: diante dessa situação, a pequena parcela de trabalhadoras domésticas que possui carteira de trabalho assinada deve sentir-se valorizada por poder usufruir de benefícios futuros.

Parte II: O trabalho de campo

No intuito de esclarecermos o problema de pesquisa estabelecido - ou seja, percebermos o grau de influência que a formalização do trabalho tem na vida das empregadas domésticas - optamos por realizar entrevistas semi-diretivas, além de coletarmos, também, histórias de vida.

A decisão por empregarmos entrevistas semi-diretivas veio da seguinte ponderação: essa técnica nos permitiria levantar pontos-chave de nosso tema de pesquisa, que nos auxiliariam a relacionar a vida das empregadas domésticas com a rotina de trabalho, e,

sobretudo, com a formalização deste. Assim, a possibilidade de realizar perguntas abertas nos permitiria, ao mesmo tempo, que percebêssemos a maneira como a entrevistada encadeava suas ideias (ainda que em resposta a diferentes perguntas) e que propuséssemos questões que abordassem temas de nosso interesse específico.

A aplicação de histórias de vida – obtidas por meio de entrevistas não-diretivas – foi outra técnica escolhida por nosso grupo de pesquisa por possibilitar que, de maneira aberta e independente, as entrevistadas construíssem seu discurso a partir de categorias próprias de pensamento, dispostas numa estrutura montada livremente. Ao analisarmos esse encadeamento espontâneo de ideias e o compararmos com a totalidade de material obtido, pudemos observar a importância atribuída – em meio a uma extensa fala que abrangeu uma série de assuntos – ao emprego doméstico e à formalização do trabalho.

Ao elegermos a história de vida como técnica de pesquisa, além de sabermos da situação de assimetria intransponível, estávamos cientes de que o nosso controle sobre os dados seria muito pequeno, e que temas de nosso interesse podiam não aparecer ao longo da narrativa das entrevistadas. Mas isto também constituiria um dado de pesquisa, indicando que aquilo que procurávamos nos discursos não era tão fundamental quanto pensávamos.

O trabalho de campo foi feito por todas as integrantes do grupo, sendo realizadas 8 entrevistas semi-diretivas e 2 histórias de vida. As entrevistas foram gravadas em lugares diversos, como na casa de uma das entrevistadoras, da própria entrevistada ou em uma padaria, e a maioria delas foi conseguida a partir de indicações de amigos das integrantes do grupo, fato que pode ter implicado em um sutil enviesamento dos dados coletados, visto que as entrevistadas tinham conhecimento da possibilidade de que as respostas chegassem aos seus patrões.

Todavia, três das entrevistas foram feitas com as empregadas domésticas de casas vizinhas, havendo assim pouco contato da entrevistadora com os patrões da entrevistada (numa dessas três entrevistas, a própria entrevistada nos indicou uma amiga para que pudéssemos, posteriormente, realizar mais uma entrevista).

Na maior parte de nossas entrevistas, estavam presentes apenas a entrevistadora e a entrevistada. Dois casos, apenas, diferiram um pouco disso: no primeiro, a entrevista foi realizada numa padaria, que é um local aberto ao público e, por conseguinte, é também um lugar pouco reservado. Além disso, a empregada foi levada até o local pela própria

patroa – o que, em certa medida, pode enviesar o conteúdo da entrevista, já que a patroa esteve presente poucos minutos antes da realização da entrevista. No segundo, a entrevista foi realizada na casa da empregada, e contou com a presença do filho no mesmo ambiente e do marido num outro cômodo da casa, fato que pode ter deixado a empregada inibida ou temerosa (muito embora ela não tenha apresentado nenhum sinal de constrangimento).

A realização das entrevistas se deu, em sua maioria, após o término de um dia de trabalho. Novamente, três entrevistas divergiram desta regra: duas foram realizadas durante o dia de trabalho (uma delas durante uma pequena pausa combinada com a entrevistada e outra logo após almoço) e a terceira foi feita em um domingo (realizada na casa da própria empregada).

Já em relação às duas histórias de vida, ambas foram obtidas no ambiente de trabalho. Uma delas foi realizada com uma empregada doméstica que permanecera apenas dois dias trabalhando na casa de uma das entrevistadoras, e que sairia daquele emprego porque já havia arranjado outro – não há como não considerarmos a possibilidade de algum viés, já que a entrevistada teve uma relação trabalhista com a mãe da entrevistadora, embora esse não fosse mais o caso no momento da entrevista. A outra foi obtida por indicação de uma pessoa conhecida da avó de uma das entrevistadoras. Ambas as entrevistas foram realizadas no meio do expediente de trabalho durante uma pausa das tarefas. Não houve, portanto, a presença de mais pessoas, apenas da entrevistadora e entrevistada. A duração de uma das duas histórias devida foi bastante longa, e, por se tratar de uma explanação feita pela entrevistada sobre sua própria vida, já esperávamos que durasse bastante tempo. Porém, a segunda história de vida que obtivemos teve duração muito curta, pelos seguintes motivos: a entrevistada (chamada Rose, cuja história de vida está transcrita nos Anexos deste trabalho) mostrou-se extremamente desconfortável e constrangida diante da situação de entrevista: inicialmente, opôs-se inteiramente a que ligássemos o gravador. Quando – após uma breve conversa com a entrevistadora, que tentou tranquilizá-la quanto ao conteúdo da entrevista, chegando até mesmo a apresentar o roteiro da entrevista antes de realizá-la – a entrevistada permitiu que o gravador fosse ligado, limitou-se a dizer poucas frases. A insegurança e o grande incômodo da entrevistada marcaram todas as frases por ela proferidas, resultando no rápido encerramento da entrevista, já que, após perceber que não conseguiria mais extrair nenhuma informação relevante, a entrevistadora achou por

bem desligar o gravador e dar a entrevista por encerrada. A assimetria da relação entrevistadora/entrevistada e a artificialidade da situação de entrevista foram, para nossa equipe, muito bem demonstradas nessa experiência.

Isto posto, é importante ressaltar que, na aplicação dessas técnicas de pesquisa, há algumas limitações que tivemos que examinar: certamente havia uma distância social considerável entre os membros do nosso grupo de pesquisadoras e as nossas entrevistadas, fato que requereu que pensássemos nossa postura em campo, de forma a minimizar os efeitos que essa discrepância poderia causar nos resultados das entrevistas. Para isso, procuramos situar bem o nosso campo, de forma a nos inserirmos nele tendo o conhecimento do espaço social ocupado por nossas entrevistadas. Sabíamos, mesmo assim, que a relação de assimetria (entrevistador/entrevistado) nunca seria completamente superada, sendo necessário ponderar este fato na análise final dos resultados. Além disso, tivemos a dificuldade inicial de elaborar perguntas e delinear pontos-chave que, de fato, fossem pertinentes à realidade das entrevistadas e respondessem, por outro lado, ao nosso problema de pesquisa, suscitando no discurso coletado o tema “trabalho”. Tal problema foi igualmente resolvido com um bom conhecimento do campo. Devemos lembrar, também, que é dado às entrevistadas o direito de não responder a qualquer questionamento considerado inapropriado ou irrelevante. Dessa forma, anula-se a obrigação de fornecer uma resposta qualquer a uma pergunta que foi colocada.

Levando-se em conta o fato de constituirmos um grupo de pesquisadoras ainda pouco experientes, podemos dizer que percebemos, em nossas idas a campo, algumas dificuldades que surgem no momento da aplicação das técnicas escolhidas. Pareceu-nos muito difícil, no momento da entrevista, não demonstrar alguma simpatia – por meio de palavras, gestos de concordância etc. – àquelas histórias e fatos que nos foram contados. Além disso, quando iniciávamos a entrevista, era visível a estranheza que nossas entrevistadas tinham diante daquela situação artificialmente criada, sobre a qual elas não tinham nenhum domínio. Há também o fato de que chegávamos a elas por conhecermos seus patrões, o que causava-lhes visivelmente algumas inseguranças no momento de fornecer respostas aos nossos questionamentos, que podem tê-las levado a falarem com mais benevolência de seus patrões e de seus trabalhos. Em algumas entrevistas, a presença do gravador parece ter sido decisiva para que a entrevistada se sentisse inibida e falasse menos.

Como éramos um grupo de cinco entrevistadoras, as entrevistas, apesar de seguirem um roteiro previamente estabelecido e procedimentos conjuntamente definidos, não poderiam, na prática, ser semi-dirigidas de forma homogênea e idêntica. Portanto, houve maior número de intervenções nas entrevistas em que a entrevistadora enxergou a possibilidade/necessidade de explorar mais algum assunto. Em outras entrevistas, no entanto, as intervenções foram mínimas. Durante a realização desta série de entrevistas, tivemos a preocupação de, na medida do possível, evitarmos intervenções, perguntas e gestos que pudessem causar fortes vieses. Em algumas entrevistas (principalmente naquelas em que nossa proximidade com os patrões da entrevistada era maior) procuramos intervir menos, de forma a minimizar nossa influência sobre as respostas dadas.

Parte III: Análise

A partir da análise dos dados que colhemos nas entrevistas, pudemos perceber algumas semelhanças nas falas das entrevistadas. Porém, ao mesmo tempo, passamos a compreender que dificilmente elas nos levariam a um único caminho delimitado, ou seja, não conseguiríamos definir uma *tendência* totalmente comum a fim de podermos sustentar as hipóteses levantadas de forma generalizada ou até mesmo derrubá-las. Desta forma, compilamos os dados coletados nas entrevistas com o intuito de traçar os pontos em comum, mas que levariam as nossas hipóteses a percursos diferentes, para posteriormente levantarmos algumas conclusões, ainda que preliminares.

Em algumas entrevistas notamos uma boa relação estabelecida no convívio entre as entrevistadas e suas respectivas patroas ou patrões (e as filhas e filhos destes). Isso poderia ser um indício de que a nossa hipótese de que as empregadas domésticas se sentem valorizadas, pessoal e profissionalmente, com a formalização do trabalho seria verdadeira. Entretanto, vimos que muitas empregadas domésticas confiam nos seus patrões no sentido de não irem atrás das informações referentes aos seus direitos, o que, de certa forma, derrubaria a referida hipótese. Além disso, mesmo que às vezes tenham conhecimento, ainda que incerto, sobre alguns direitos que não são concedidos, não se sentem numa posição confortável para pleiteá-los, pois entendem que os seus empregadores já estariam “fazendo muito” por elas.

Consoante com este pensamento, a carteira de trabalho assinada, isto é, os benefícios concedidos por este registro, mesmo que sendo de conhecimento das empregadas domésticas e podendo ser considerados muito importantes por elas, não podem ser colocados num patamar superior quando os comparamos com a boa relação que elas possuem com as suas patroas e patrões. Assim, a formalização do trabalho - e principalmente o cumprimento de deveres dos empregadores na relação jurídica entre estes e as empregadas domésticas – não seria importante ao ponto de fazê-las se sentirem valorizadas pessoal e profissionalmente por este motivo específico. Observamos também que, na verdade, essa valorização poderia se dar pela formalização do trabalho, mas que isso acontecia por meio de uma espécie de associação entre os benefícios (a curto e longo prazo) trazidos pela carteira assinada e o bom convívio com os empregadores. Temos como exemplo o relato de uma senhora que indiretamente comparou o seu trabalho atual com o anterior. Segundo ela, no trabalho atual em que está há muitos anos, a relação com toda a família da casa na qual ela trabalha e possui carteira assinada é ótima. Sobre o emprego anterior, ela não discorreu a relação que tinha com os seus empregadores, mas relata que não tinha a carteira assinada e que achava melhor o fato de agora ter.

Encontramos também uma outra situação que derrubaria totalmente a nossa hipótese. Uma das entrevistadas relatou que embora fosse importante ter a carteira assinada por conta dos benefícios proporcionados por esta, ela não tinha sido inicialmente registrada por vontade própria. Tinha receio que o registro jurídico de empregada doméstica “sujaria” a sua carteira. Assim, quando procurava emprego em outra área, era de antemão desvalorizada enquanto profissional por aqueles que cuidavam do processo de seleção. A partir desta ideia, podemos fazer uma reflexão sobre como a formalização do trabalho das empregadas domésticas faria com que as mesmas se sentissem desvalorizadas.

A formalização do trabalho e a construção de uma legislação mais rígida com o passar do tempo – e não somente referente à categoria de empregado doméstico, mas tratando de qualquer outra categoria profissional – contribui para a fortificação deste próprio segmento do mercado de trabalho enquanto categoria profissional. Desta forma, por vários motivos, alguns relatados pelas própria entrevistadas, como por exemplo vergonha e preconceito social, as empregadas domésticas podem preferir não ser identificadas a partir desta categoria de trabalho, tanto pessoalmente como para buscar

emprego em outras áreas. É por este motivo que a formalização iria de encontro com o sentimento de valorização.

Não obstante, também encontramos situações em que a fala das entrevistadas contribuiria para a sustentação da hipótese em análise. Umas das entrevistadas disse que o período em que passou trabalhando sem registro teria sido tempo perdido e que a situação dela teria melhorado comparando a situação de diarista com a de empregada doméstica com carteira assinada. Ela também relata sobre o fato do emprego doméstico ser equivalente a falta de direitos. Embora esta última ideia possa parecer contraditória na fala da entrevistada e até mesmo contrária a nossa hipótese, não entendemos dessa forma, pois esta empregada doméstica teria reconhecido a melhoria da sua situação em função da formalização por si só, de modo a não levar em consideração outros elementos relacionados ao seu trabalho, tal como fizeram outras entrevistadas, como por exemplo em relação a afinidade com os seus empregadores.

Em mais de uma entrevista nos deparamos com a fala de que o emprego doméstico era um trabalho como outro qualquer. A partir deste ponto, podemos entender que a entrevistada estaria partindo do pressuposto que o seu trabalho seria passível de preconceito social, mas que ela não reforçaria o mesmo, pois embora a categoria de empregados domésticos não goze de todos os benefícios do trabalhador regido por legislação não específica, as empregadas domésticas teriam direitos a partir da carteira assinada, tratando-se, portanto, de uma forma de valorização profissional devido a formalização do trabalho. De forma contrária, outra entrevistada entenderia que essa diferenciação em relação a outros tipos de trabalhadores, como aqueles empregados em empresas, por exemplo, desfavorecia sua condição enquanto trabalhadora, de modo que a formalização do trabalho não seria suficiente para ela sentir valorizada.

Observamos, ao analisarmos os dados obtidos em nossas sucessivas entrevistas, que os vínculos de afinidade constituídos entre as empregadas domésticas e seus patrões, quando muito estreitos, podiam superar a importância do recebimento de todos os benefícios que deviam ser, por direito, dados às trabalhadoras. Tal fato pode ser claramente constatado na seguinte declaração de Ana (ver "Entrevista com Ana", em Anexo):

> ...muitas pessoas falaram para mim: 'Não, você é registrada, você tem

> direito ao fundo de garantia, é só você ir na lei. Eu falei: 'Mas pela minha consideração, que eu tenho com eles... Então jamais eu vou... O dia também em que eu sair, a amizade minha com os meus patrões será a mesma, um dia, né, se acontecer isso, né? … Eu vou receber aquilo que é meu direito, no caso... Né? Jamais eu vou estar exigindo alguma coisa assim, porque eu acho que não vale nem a pena. Entendeu? (Ana)

Esse comportamento pode ser visto como consequência do duplo caráter do trabalho doméstico, que é apresentado por Cleusa Aparecida da Silva desta maneira:

> Ao desenvolver o trabalho doméstico no domicílio do(a) empregador(a), a própria convivência, no espaço privado do patrão e da patroa, gera condições de ambigüidade nas relações de trabalho e emprego; confundem-se os papéis de profissional e de familiar. (SILVA, Cleusa Aparecida da. *Organização das trabalhadoras domésticas e as relações políticas*. Núcleo de reflexão feminista sobre o mundo do trabalho produtivo e reprodutivo. Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico. 1 ed. 2008 SOS Corpo.).

Essa confusão de papéis, que é característica marcante do emprego doméstico, nos pareceu fundamental para compreendermos muitos dos dados recolhidos em campo.

Nesse mesmo sentido, a partir da análise de Hildete Pereira de Melo pudemos entender que há questões cultuais que envolvem o trabalho doméstico, as quais explicariam essa relação de confiança e/ou sentimento de pertencimento da família. As atividades domésticas “não são organizadas de forma capitalista porque se realizam no interior de residências particulares e as patroas/patrões não são empresários” (Melo, 1998). Com isso, as diferenças entre o funcionamento do emprego doméstico e os outros empregos se reflete em uma legislação especial e, portanto, em um tratamento diferenciado. Pelo fato do trabalho doméstico sempre ter existido e sua remuneração ocorrer apenas quando outra pessoa estranha da casa é contratada para realizar os serviços, o trabalho doméstico remunerado é tratado de forma especial e não se “enquadra” ao perfil dos outros tipos de trabalho que estão incluídos na CLT. Essa especificidade é vista nas entrevistas justamente a partir do relato de que a confiança no patrão ou na patroa é às vezes mais importante para a empregada doméstica do que os

próprios direitos ou também é vista na medida que as empregadas comparam seus direitos com os direitos dos outros trabalhos verificando a diferença na quantidade.

Já em relação a importância da carteira assinada, pudemos ressaltar do texto “A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil Contemporâneo” o incentivo que esta gera para a permanência maior no mesmo emprego. Isso reduz a rotatividade e a mobilidade que caracteriza o emprego doméstico. Em uma de nossas entrevistas, a entrevistada levanta tal ponto: “É muito importante pra gente a carteira assinada. Principalmente porque eles sempre falam que a gente vai, volta , espero que nunca aconteça nada, mas se acontecer alguma coisa temos a carteira assinada. É bem melhor.” Assim, ela revela a “garantia” que a carteira assina pode gerar para uma trabalhadora.

Christiane Silva (2012) afirma que a formalização tem um impacto positivo sobre a vida das empregadas domésticas, porque a maioria, que não possui carteira assinada, é privada de uma série de direitos, e que a categoria de empregados domésticos possui claras diferenciações com relação às demais categorias no que diz respeito às leis trabalhistas, o que provoca um sentimento de exclusão. Antônia, uma das empregadas entrevistadas no nosso trabalho, tem claramente essa percepção sobre a formalização:

> É, raramente eles falam assim: “Ah, Deide, por que você não... Chega de trabalhar em casa de família... Arruma uma firma que de repente você tem todos os seus direitos e tal, né, não sei”. (…)
>
> É, porque empregada doméstica não tem quase direito nenhum, né. Muito poucos direitos, a empregada doméstica...
>
> (…)
>
> Ticiana: […] Os direitos que você conseguiu com a carteira assinada, eles mudaram alguma coisa na sua vida?
>
> Antônia: É... Mudou. Mudou porque eu trabalhei o quê, trabalhei 6 anos como diarista e não tinha registro, e por direito era pra ter, né? Era pra ter direito, registro e... Não ganhei nada com isso. Só tempo perdido. Né? (Antônia)

Com relação ao surgimento de novos interesses políticos decorrentes da formalização, Mario Avelino (2011) corrobora nosso resultado: embora haja uma Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas focada no desenvolvimento do

interesse sindical pela categoria, não há contribuição suficiente por parte dos empregadores e dos empregados para a manutenção de um sindicato, o que não viabiliza negociações entre ambas as partes em comum acordo. Logo, é possível supor, com base neste fato e nos dados colhidos por nossas entrevistas, que a formalização não desperta interesses políticos ou sociais nas empregadas domésticas, visto que, a nível nacional, não há contribuição sindical, e ao nível de nosso estudo, não houve menção a esse assunto ou a temas afins.

Conclusão

Analisando-se os dados obtidos no trabalho de campo e tendo como base a bibliografia utilizada, chegamos a conclusões preliminares sobre nossas hipóteses de trabalho. Com o que obtivemos, podemos analisar os aspectos da mudança na vida das empregadas domésticas trazida com a formalização sob dois aspectos: primeiramente, sob um aspecto objetivo, ou seja, tomando-se em conta os direitos adquiridos pelas empregadas domésticas. Existe uma realização profissional no sentido de que as empregadas domésticas, com a carteira assinada e com os direitos dela advindos, sentem-se em posição melhor do que se desempenhassem serviços domésticos não-formalizados. Por um outro lado, analisamos também que, apesar do senso de conquista dos direitos, ainda assim não existe uma valorização do emprego doméstico como resultado do processo de formalização. A formalização não é capaz de trazer valorização da categoria, apesar das aquisição dos direitos. Ser formalizada é reconhecer-se dentro da categoria profissional de empregada doméstica, que é frequentemente desvalorizada por estar associada a um contexto de escravidão no Brasil.

À conclusão que chegamos de nossa primeira hipótese, de que é parcialmente corroborada pelos dados obtidos, relaciona-se nossa análise sobre a segunda hipótese. Dado que o senso de pertencimento, desenvolvido com a formalização, não implica em valorização da categoria profissional pelas próprias empregadas domésticas, estabelece-se uma dificuldade em direcionar interesses políticos e sociais das mesmas.

ANEXOS

I. Entrevistas

Entrevista com Ana

Mayara: Eu e mais um pessoal, como eu estava te falando, eu e mais um pessoal, a gente tá fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas, a gente vai falar com várias pessoas, a gente já falou com algumas pessoas e vai falar com mais algumas, e reunir tudo o que contarem para a gente, analisar as coisas e escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, então o objetivo do trabalho é esse: a vida das empregadas domésticas, o que as empregadas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir não precisa falar o seu nome completo, e, para essa entrevista, eu preciso só que você não deixe de falar nada, que você fale, sabe, com sinceridade, que as suas opiniões, todas suas impressões e todos seus sentimentos são importantes para a gente nessa entrevista.

Ana: Uhum.

Mayara: Como é o seu nome?

Ana: Meu nome é Ana Lúcia.

Mayara: Onde você nasceu?

Ana: Eu nasci, estado de São Paulo mesmo, Pacaembu.

Mayara: Quantos anos você tem?

Ana: Eu estou com... 53.

Mayara: Onde você mora?

Ana: Santo André, Vila Suíça.

Mayara: Desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Ana: Ah, faz muito tempo, viu?

Mayara: Hum.

Ana: Eu acho que... porque eu, eu trabalhei um período de quando eu era mocinha, três anos, depois, como eu era mocinha, eu saí, fui trabalhar de ser

balconista, depois que eu casei e tudo, aí eu voltei a trabalhar de empregada doméstica. Então eu acho que tem, depois disso, tem uns quinze anos.

Mayara: Uhum... E como que é a sua rotina como empregada doméstica no trabalho?

Ana: Hoje... então, por exemplo, neste trabalho atual, já tá a cerca de quase dez anos... A minha rotina é, assim, bem corrida, bem corrida porque... porque como eu moro em Santo André e eu trabalho em São Caetano, eu até durmo, uma coisa que eu, como casada, tendo esposo e filhas, então fica um pouco complicado.

Mayara: Uhum.

Ana: Entendeu? Então eu durmo no serviço, então, no caso, eu venho na segunda feira cedinho e volto na quarta, aí eu fico na minha casa na quinta feira, aí na sexta eu retorno para São Caetano no trabalho, e volto no sábado e fico só domingo na minha casa. Fica bem corridinho.

Mayara: Entendi, então... você dorme no emprego.

Ana: Eu durmo no emprego, porque me facilita de eu não ter que levantar tão cedo e também economiza dinheiro, a passagem.

Mayara: Isso é importante, né?

Ana: É claro, entendeu?

Mayara: Entendi. E tem criança onde você trabalha?

Ana: Não. Já tá tudo adulto.

Mayara: Certo. E como você se desloca para ir até o trabalho?

Ana: Da... da minha casa até o trabalho eu venho de ônibus mesmo, tomo duas conduções.

Mayara: Duas conduções?

Ana: Duas conduções. Agora, para ir... para ir também, são duas conduções também.

Mayara: Entendi. E da sua casa, como é que você dá conta? De trabalhar e dar conta de casa também?

Ana: Então, eu sou uma pessoa, assim, muito esperta. Não querendo me...

Mayara: Claro.

Ana: ... mas se você não se desdobrar, você não consegue fazer nada. Então, o que eu faço, eu aproveito muito, mesmo no domingo eu levanto cedo na minha casa, para dar conta de tudo. Minha casa não é tão pequena, entendeu? Então eu levanto, tipo assim, mesmo no domingo, umas seis e meia... para eu dar conta de fazer tudo... E consigo, claro que minha casa não é impecável, porque o tempo não permite, entendeu? Mas o básico mesmo, limpar, lavar, passar, cozinhar, eu...

Mayara: Dá para dar conta?

Ana: Dou conta, mas tem que ser esperta, viu? Uma pessoa, assim, “mole” não dá conta não, tem que ser... Entendeu?

Mayara: Entendi. Como que é o seu relacionamento com os patrões?

Ana: Ai, graças a Deus é muito maravilhoso. São bons.

Mayara: São bons?

Ana: Ótimos, não tenho do que reclamar. E eu creio que eles também não têm muito o que reclamar de mim, porque senão eu não estaria lá há quase dez anos. Entendeu?

Mayara: E com que freqüência você vê seus patrões?

Ana: Hum, todo dia.

Mayara: Todo dia?

Ana: Todo dia.

Mayara: Sempre que você está lá?

Ana: Todo dia, todo dia, todos os dias.

Mayara: Vocês costumam conversar quando você está...

Ana: Muito. Principalmente com a... a dona, né, a Eliana, no caso seria. Não podia... nem poderia falar o nome dela. Entendeu? Mas a gente conversa muito, muito... Entendeu?

Mayara: E você... como você é tratada pelos filhos dos patrões?

Ana: Ah, também não tenho do que reclamar, são maravilhosos, são, os dois, são um casal, né, você já até conhece, são muito educados, coisa que você não vê em qualquer lugar, que eles, eles, tipo assim, eles não sabendo fazer o serviço, eu faço, eu vou ser sincera, eu faço com amor, com carinho, entendeu? E eles me tratam também com carinho. O que eles precisarem, para mim não importa a hora, eu estou sempre disposta, pode ser até de noite. Entendeu? E eles são muito educados, entendeu? Eles acabam de... de comer na mesa, e eles mesmos me agradecem: “ai, Ana, estava... tá muito bom, obrigada, Ana!”. Todos os dois. Ah, mesmo a mãe, todos eles. Porque os quatro, pai e mãe, todo mundo. Então eles são muito educados. Então isso, assim, até valoriza com a gente, entendeu? Porque se eles não me tratassem bem, eu, no caso, nem ficaria, né. Os dois são muito educados, são muito finos. Não tem do que reclamar.

Mayara: Como que você se sente quando você está no trabalho?

Ana: Não entendi.

Mayara: Como que você se sente quando você está no trabalho?

Ana: Quando eu estou no trabalho?

Mayara: Como você se sente?

Ana: Ah, eu me sinto assim, como que eu posso dizer, ah, eu me sinto realizada de chegar e fazer as coisas direitinho, entendeu? De eles confiarem em mim, porque eu sou empregada doméstica, mas eu não confiaria... Por quê? Porque a casa fica totalmente na mão da gente. Porque eu não sou, assim, uma empregada, assim, de dia-a-dia só, eu sou ali como uma governanta, tomo conta de tudo. Entendeu? De roupa, comida, tudo o que possa imaginar. Se ela viaja e eu não puder ir junto, eu fico como que com a casa na minha mão, chave, tudo, tudo o que você possa imaginar. Então eu sou assim, uma... eu sou... praticamente uma governanta, e ao mesmo tempo passo, cozinho, tudo. Porque até as outras empregadas não pararam, entendeu? Que nem eu falo... eu falo para a Eliana, meus patrões: “eu sou empregada, mas eu não colocaria pessoas na minha casa, porque não se dá para confiar, não são todas... é raridade poder dormir em paz hoje, e eu sei que os meus patrões dormem em paz, sossegados, porque eles estando ou não estando, o que eu sou na frente deles eu sou quando eles não

estão junto. Até quando eles não estão junto, eu ainda faço mais coisa, porque me sobra tempo, porque, não precisando fazer almoço, eu faço uma outra coisa, então eu faço até mais quando eles não estão presentes, não vou abusar porque eles não estão em casa, entendeu? E as outras ex-funcionárias não são muito assim às vezes, entendeu? Posso dizer... teve casos em que não foi assim, entendeu? Não é todo mundo que... aí eu falei: Eliana, agradeço a Deus por você confiar, porque eu... não sei se eu confiaria em por uma pessoa que eu nem conheci, ou que me foi apresentada, colocar para tomar conta de tudo, porque eu sei de tudo da casa deles. Sei de tudo. Tem coisas que eles não sabem onde está e vêm perguntar para mim onde está: “Ah, onde está aquilo?”. Aí eu falo: “ah, tá ali, lá”, (eles falam) “ah, mas não tá”, aí eu vou lá e pego e falo: “tá aqui, olha”, (eles falam) “ah, tá”. Se for alguma coisa que tem, eu sei que tem, aí eu vou atrás para mostrar para eles.

Mayara: Como é o seu relacionamento com as suas colegas que são domésticas?

Ana: Olha, hoje nem tenho quase, é, amigas, assim, domésticas, né. Mas são sossegadas. Entendeu? São sossegadas... que nem, eu, quando o pessoal não está perto, eu, quando eles não estão perto, eu procuro sempre fazer o melhor, às vezes eles nem percebem, mas eu procuro fazer o melhor... e outras, não! “Ah, eles não estão mesmo, vou dar mole, não sei o que, eles não reconhecem”. Falam até mal. Entendeu? Mas eu não, eu reconheço mesmo, porque, que nem eu falei, não é fácil por uma pessoa estranha na sua casa. Porque eu, como... no trabalho que eu estou, a gente passa até a viver... a família deles também. Os problemas deles a gente vive, a alegria deles também a gente vive. Entendeu? Até nas festas de formatura, eu sou convidada a ir. Tem que participar das festas de formatura dos filhos, entendeu? Então a gente passa, assim, a fazer parte quase da família, assim, por consideração. Por quê? Porque quando eles estão com problemas, eu vou até tentar ajudar a resolver algum problema, mas na hora das alegrias deles também, eu também faço parte. “Ai, Ana, você vai”, aí eu digo “eu vou”, entendeu? A gente passa a ter muita convivência com a família, passa a fazer parte da família, entendeu? Não tenho do que reclamar. Não tenho mesmo.

Mayara: Como é o seu relacionamento com colegas de outras atividades, que

não domésticas?

Ana: É, então, aí que tá, porque amigos mesmo ou amigas é meio difícil porque eu não tenho nem tempo de ter, porque é o meu trabalho e a minha família. Então não tenho nem tido muito tempo, mas em todas, assim, as outras atividades de trabalho, o que é que eu vejo: se fizer com dedicação, com amor vai tudo bem. Agora, tem que gostar daquilo que faz. Porque se não gostar, vai ser relaxado. E aí vai causar. Vai causar problema. É assim que eu vejo.

Mayara: Ah... E a carteira assinada? Você tem desde quando?

Ana: Desde quando?

Mayara: Desde quando você tem carteira assinada?

Ana: Bom, de doméstica, eu tenho só dessa, já tem quase uns... perto de uns dez anos. Porque quando eu trabalhei no passado, a pessoa quis me registrar, mas eu que não quis, eu era novinha, achei que não tinha necessidade. Entendeu? Eu não... Mas agora eu sou... Mas nesse trabalho eu sou registrada.

Mayara: Faz dez anos que você é registrada?

Ana: Quase dez.

Mayara: Quase dez anos?

Ana: Quase dez anos.

Mayara: Tá... Você conhece os seus direitos de empregada registrada?

Ana: Olha, na verdade, eu... Eu... Atualmente, eu não sei dos meus direitos. Porque, a gente vê falar alguma coisa na televisão, mas não tenho nem tempo de ver muita televisão, porque minha vida é dedicada ao trabalho, à minha casa, à minha família, eu não tenho muito tempo de sentar na frente da televisão e ver uma reportagem. Já teve casos de reportagens de empregadas domésticas terem falado, né, então eu não tenho tido esse tempo. Então, na verdade, os direitos, eu estou até meio por fora.

Mayara: Entendi.

Ana: Entendeu? Agora, o que eu lembro que era, mas foram mudadas as leis, né? Empregada doméstica registrada tem direito a férias, tem direito a décimo

terceiro, mas não tem a fundo de garantia. Como eu creio que eu não teria. Se eu fosse sair no dia de amanhã, acho que eu não tenho esse direito. A não ser, né... Eu não tenho. Está claro, né? Agora, as próprias leis foram mudadas, agora, nas leis atuais, tem coisa que mudou.

Mayara: E você conversa sobre esses seus direitos com colegas suas e com pessoas de sua convivência?

Ana: Eu já conversei... E muitas pessoas falaram para mim: “Não, você é registrada, você tem direito ao fundo de garantia, é só você ‘ir na lei’”. Eu falei: “Mas pela minha consideração que eu tenho com eles... E eles também têm me ajudado, eu tenho cuidado da família deles, eu tenho cuidado da casa deles com toda dedicação, mas no que eu precisar também, eles sempre estenderam a mão para mim, eles nunca me, né... Até oferecem algumas coisas para mim. Se eu precisar, tipo assim, de um adiantamento, de um empréstimo, como eu já precisei do meu patrão, ele... na hora! Entendeu? Então jamais eu vou... Entendeu? Falar: “não, eu vou para a lei”, imagina! O dia também em que eu sair, a amizade minha com os meus patrões será a mesma, um dia, né, se acontecer isso, né? Será a mesma e se eles quiserem... Eu vou receber aquilo que é meu direito, no caso... Né? Jamais eu vou estar exigindo alguma coisa assim, porque eu acho que não vale nem a pena. Entendeu?

Mayara: E a carteira assinada, ela mudou alguma coisa na sua vida? Ter a carteira assinada...

Ana: Bom, em partes, sim, porque, por exemplo, se eu ficar doente, hoje eu fico no seguro. Se eu não tivesse carteira registrada, eu não ficaria, entendeu? Então, em partes, sim.

Mayara: E mais alguma coisa? Assim, sem ser nessa questão de direitos... Mais alguma coisa que você tenha a dizer em relação a isso?

Ana: Não... Tudo, assim, normal mesmo. Né? Tudo normal. Agora, que nem eu falo, eu trabalho assim porque eles também me consideram, mas se for para entrar numa casa em que não houver consideração comigo, eu nem ficaria. Entendeu? Eu até mesmo... Tipo assim, tem patrão também que desconfia dos funcionários, e eu sou assim, não sei se por causa da minha criação, da minha sinceridade, que se eu

percebesse alguma coisa eu já sairia. Eu não admito que, da sinceridade de uma pessoa como eu, o patrão, né, tipo assim, duvidasse. Entendeu? Mas do restante eu fico... Assim mesmo.

Mayara: Você me falou que, quando você era nova, você teve essa oportunidade de ter a carteira assinada e não quis.

Ana: Eu não quis.

Mayara: Mas por quê? O que você achava?

Ana: Eu achava, assim, que não tinha necessidade.

Mayara: E por que não tinha necessidade?

Ana: E achava assim que... Eu não sabia dos benefícios que poderia ter. Entendeu? Porque eu era muito novinha e de interior, e não tinha esse conhecimento também. Entendeu? Mas, no caso, hoje, ajudaria na aposentadoria, né? Os anos... Hoje sim, hoje eu entendo, mas naquele tempo eu não entendia. Mas como eu fiquei pouquinho tempo, pouquinho tempo, três anos eu fiquei, né... E nessa casa também me tratavam muito bem. A criança, eu cuidava... Tinha uma criança, a mulher tinha uma criança, essa criança se apegou tanto a mim, eu cuidei tão bem dele... E eu sendo jovenzinha, viu? Que a outra funcionária, quando era outra funcionária a criança vivia doente. Aí, depois, quando eu entrei, a criança engordou, nunca mais ficou doente. Aí os vizinhos perceberam por que a criança não ficou mais doente, aí uma vizinha veio contar para os meus patrões que a outra empregada dava banho na criança de mangueira e a criança tinha até bronquite. E depois eu... Eu jamais... Eu dava banho direitinho, dava laranja, dava fruta, tratava bem. E o menininho era tão, assim, apegado a mim, que me chamava de mãe. Eu com catorze anos e ele me chamava de mãe. Então vai da dedicação, né? Ele sofreu muito quando eu saí. Eu saí porque queria arrumar outro tipo de serviço, em outra área, né? E arrumei de balconista, na época... E o restante, é isso mesmo.

Mayara: Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre sua vida de doméstica?

Ana: Ah, eu acho que não, porque tudo o que você perguntou, acho que já tá aí dentro, né? Eu acho assim... Mas, o restante, normal.

Mayara: Tá bom. Obrigada, então!

Ana: Por nada.

Mayara: Desculpa tomar o seu tempo...

Ana: Não tem problema.

Entrevista com Antônia

Ticiana: Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir, pode não falar seu nome completo. Para essa entrevista, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes.

Ticiana: É, então, primeiro, algumas perguntas básicas.... Qual o seu nome?

Antônia: Antônia Ferreira Lopes.

Ticiana: Onde você nasceu?

Antônia: Eu nasci estado do Ceará, estado do Ceará.

Ticiana: É... Quantos anos você tem?

Antônia: 46.

Ticiana: Onde você mora?

Antônia: Estrada Municipal... É... Roseira.

Ticiana: Desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Antônia: Há quase 10 anos.

Ticiana: Agora vamos começar com as perguntas mesmo. É... Como é a sua rotina como empregada doméstica no seu trabalho?

Antônia: Normal. (risos) Normal.

Ticiana: Você chega e...

Antônia: É, eu chego sete e meia, e saio às três...

Ticiana: Hm. Você dorme no emprego?

Antônia: Não.

Ticiana: Há crianças onde você trabalha?

Antônia: Não.

Ticiana: Como você se desloca/vai até o trabalho?

Antônia: É... De ônibus.

Ticiana: De ônibus?

Antônia: É, uma pra vir e outra pra voltar.

Ticiana: E da sua casa, como você dá conta?

Antônia: Ah, tem que dar conta, né. (risos)

Ticiana: Mas alguém te ajuda?

Antônia: Não, eu faço tudo sozinha. Depois que eu saio do serviço, vou direto pra casa, aí faço a rotina. E o que não dá pra fazer na semana eu faço no final de semana.

Ticiana: Hm... E como é seu relacionamento com os patrões?

Antônia: Por mim, ótimo. Normal.

Ticiana: Algo a mais?

Antônia: Não, é normal.

Ticiana: E com que frequência você os vê?

Antônia: Bem, a minha patroa, todo dia, né. Agora, o meu patrão, raramente, difícil.

Ticiana: Ok. E vocês costumam conversar?

Antônia: Com a patroa, sim. E com o patrão não. (risos)

Ticiana: Como você é tratada por eles?

Antônia: Normal...

Ticiana: Algo a mais para acrescentar?

Antônia: Não... É normal. É, bem.

Ticiana: Como você se sente no trabalho?

Antônia: Ah, eu me sinto bem.

Ticiana: Bem? Mais alguma coisa?

Antônia: Não.

Ticiana: É... Como é o seu relacionamento com suas colegas domésticas?

Antônia: Ah, é, de... De poucas palavras, sabe. Oi, oi, tudo bom, bom dia.

Ticiana: Não conversa muito?

Antônia: Não. Só o necessário.

Ticiana: E... Como é o seu relacionamento com colegas que trabalham em outras atividades?

Antônia: Hm?

Ticiana: Seu relacionamento não com outras domésticas, mas com colegas que possuem outras ocupações.

Antônia: Ah, é normal também.

Ticiana: Hm...

Antônia: É, raramente elas falam assim: “Ah Deide, por que você não... Chega de trabalhar em casa de família... Arruma uma firma que de repente você tem todos seus direitos e tal, né, não sei”. Mas não, eu tô contente onde eu tô, e vou ficar.

Ticiana: Ok. E a carteira assinada, você tem desde quando?

Antônia: É... Desde esse ano, de maio. Como empregada doméstica, desde maio.

Ticiana: E você conhece os seus direitos?

Antônia: Poucos.

Ticiana: Hm...

Antônia: É, porque empregada doméstica não tem quase direito nenhum, né. Muito poucos direitos, a empregada doméstica.

Ticiana: É... Você conversa sobre os seus direitos com suas colegas?

Antônia: Não.

Ticiana: Não? E... Os direitos que você conseguiu com a carteira assinada, eles mudaram alguma coisa na sua vida?

Antônia: É... Mudou. Mudou porque, eu trabalhei o quê, trabalhei 6 anos como diarista e não tinha registro, e por direito era pra ter, né? Era pra ter direito, registro e... Não ganhei nada com isso. Só tempo perdido. Né?

Ticiana: Então agora melhorou?

Antônia: É, do que tava melhorou bastante.

Ticiana: Bom, é isso. Obrigada pela entrevista.

Entrevista com Cida

Mariana: Então Cida... Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir, pode não falar o seu nome. Para essa entrevista, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes. Primeiro gostaria de fazer algumas perguntas sobre você...

Cida: Tá bom.

Mariana: Então eu queria que se você puder, fale o seu nome.

Cida: Maria Aparecida.

Mariana: E qual a sua idade?

Cida: Tenho quarenta anos.

Mariana: E eu queria que você falasse onde você nasceu.

Cida: Eu nasci em Palmeiras, Bahia.

Mariana: Palmeiras, Bahia?

Cida: Isso.

Mariana: E onde você mora atualmente, Cida?

Cida: Eu moro em Perus.

Mariana: Perus, São Paulo.

Cida: Aham.

Mariana: E desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Cida: Desde os dezenove anos.

Mariana: Você pode me contar um pouco sobre a sua rotina como empregada doméstica no local que você trabalha.

Cida: Ah, meu trabalho, assim... Eu durmo no trabalho, acordo todos os dias, levo o cachorro para passear, depois eu vou... Arrumar as camas, limpar, depois eu vou por o almoço, ficar esperando meio dia as pessoas chegar, sirvo, lavo a louça, passo roupa e vou indo adiante.

Mariana: Tem crianças no apartamento onde você trabalha?

Cida: Não. Não mais (risos). Todo mundo crescido já.

Mariana: Você disse que dorme no seu trabalho, né?

Cida: Isso.

Mariana: E como você chega da sua casa até aqui nos dias em que não dorme?

Cida: Ah, como eu chego?

Mariana: É.

Cida: Transporte público. Eu venho de ônibus, pego, é... Duas condução, chego na segunda e volto no sábado.

Mariana: Entendi, você pega dois ônibus?

Cida: Isso.

Mariana: Você sai de Perus... E pega outro até onde?

Cida: Eu pego até a Lapa e da Lapa eu pego até aqui.

Mariana: O Perus Lapa?

Cida: Ele serviria pra mim, mas acho que ele dá muita volta, então acabo pegando dois.

Mariana: E aí você chega segunda de manhã?

Cida: Chego segunda de manhã, nove e meia da manhã, e volto no sábado perto de umas quatro horas.

Mariana: Você trabalha todo sábado?

Cida: Todo sábado.

Mariana: E domingo?

Cida: Domingo eu durmo na minha casa.

Mariana: Se você trabalha a semana inteira lá, como você dá conta da sua casa?

Cida: É porque a minha casa fica fechada, né, eu moro sozinha...

Mariana: Mora sozinha?

Cida: É. Eu faço alguma coisa no fim de semana e na segunda venho embora?

Mariana: E aí você faz a sua comida também?

Cida: É, eu faço minha comida ou as vezes saio para comer fora.

Mariana: E no trabalho você come no apartamento mesmo?

Cida: Sim, como todos os dias lá.

Mariana: E quantas pessoas lá...?

Cida: Cinco pessoas.

Mariana: Um casal e três filhos?

Cida: Sim e um cachorro (risos).

Mariana: (risos)

Cida: O amor da minha vida (risos).

Mariana: E você passeia todo dia com o cachorro?

Cida: Todos os dias.

Mariana: Duas vezes?

Cida: Duas vezes.

Mariana: E como é o seu relacionamento com os seus patrões?

Cida: São muito bons. Eu já to com eles há muito tempo. Mais de 20 anos.

Mariana: Você trabalha nesta casa desde quando?

Cida: Desde quando eu cheguei aqui.

Mariana: Então este foi o seu primeiro emprego como empregada doméstica?

Cida: Isso...

Mariana: Então você trabalha desde os dezenove nesta casa?

Cida: Aham.

Mariana: E com que frequência você costuma ver os seus patrões?

Cida: Olha, eu vejo todos os dias...

Mariana: De manhã?

Cida: De manhã e a noite, meu patrão. E minha patroa eu vejo ela praticamente o dia todo.

Mariana: Ela não trabalha?

Cida: Não.

Mariana: E os filhos deles?

Cida: Ah, hoje em dia eu vejo... Praticamente eu nem vejo, porque estuda, trabalha. Trabalha de dia e faz faculdade a noite, quando chega é onze horas, eu nem vejo. E de manhã sai bem cedo, acabo nem vendo eles.

Mariana: Então de manhã você não os vê, as vezes...?

Cida: É, não vejo as vezes, a noite é difícil eu vê.

Mariana: Mas seus patrões eles de manhã e a noite?

Cida: É, de manhã e a noite.

Mariana: E como você é tratada por eles e pelos filhos deles?

Cida: Olha, eu sou tratada muito bem por eles. Quando eles era menor, eu era chamada de mamãe (risos), mamãe 2 (risos).

Mariana: (risos). E quando eles eram pequenos você era babá também?

Cida: Não... Acho que um pouco de tudo, né.

Mariana: Mas eles tinham uma babá?

Cida: Não.

Mariana: Nunca teve?

Cida: Não.

Mariana: E a mãe deles...?

Cida: Praticamente eu entrei como babá... E fui ficando... Com eles, e aí eles foram crescendo e fui fazendo serviço da casa...

Mariana: Uhum. E você costuma conversar com os seus patrões sobre assuntos pessoais, alguma coisa?

Cida: Costumo sim, praticamente eles sabem da minha vida inteira.

Mariana: E você fala bastante com eles sobre a vida deles?

Cida: Opinião?

Mariana: É, se você conversam algo relativo à vida pessoal deles.

Cida: Bastante...

Mariana: Sempre?

Cida: Sempre.

Mariana: E sobre que tipo de assunto, por exemplo?

Cida: Ah, sobre o casamento, sobre os parente... Praticamente eu sou a primeira a saber das coisa.

Mariana: E com os filhos?

Cida: Converso, bastante... Às vezes fica até chato, alguma coisa que você vê que é errado, as vezes você tá precisando falar, mas acaba ficando quieta, né.

Mariana: Mas antes você conversava mais com filhos?

Cida: Antes eu conversava mais...

Mariana: Eles tem quantos anos?

Cida: Um tem 23, outro tem 21 e a menina tem 19.

Mariana: E os três trabalham e estudam?

Cida: Não, a menina não, ela só estuda.

Mariana: E como você se sente no seu trabalho?

Cida: Não tenho muito o que falar não, eu to acostumada, né. Eu me sinto bem.

Mariana: E você sempre se sentiu assim?

Cida: Sempre... Porque assim, praticamente quando eu cheguei em São Paulo, eu cheguei... Foi a primeira família, então eu to acostumada com esta rotina.

Mariana: Você sempre trabalhou nesta rotina?

Cida: Sempre.

Mariana: Sempre dormiu lá?

Cida: Sempre.

Mariana: Então você trabalha nesta casa desde que a mais nova nasceu?

Cida: Sim, isso.

Mariana: E você tem colegas, amigas, que são empregadas domésticas?

Cida: Não.

Mariana: Em São Paulo ou algum outro lugar?

Cida: Não, tem uma pessoa que eu conheço que trabalha aqui no prédio, mas é só conhecida. Tem umas pessoas que eu estudei, mas não são empregadas

domésticas, umas que já foram e não são mais.

Mariana: E com essas que já foram empregadas domésticas, você conversa sobre o seu trabalho?

Cida: Não, não muito, acho que nada.

Mariana: E aqui no prédio você só conhece essa?

Cida: Só conheço essa. E conheço assim, “oi, bom dia, boa tarde”.

Mariana: E lá perto da sua casa?

Cida: Também não.

Mariana: E você tem colegas, amigas, que trabalham em outras atividades?

Cida: Isso.

Mariana: E como é o seu relacionamento com elas? Você costuma conversar sobre o seu trabalho?

Cida: É muito difícil eu ver, né, e mesmo quando eu vejo converso mais sobre família mesmo.

Mariana: E elas são aqui de São Paulo.

Cida: Não.

Mariana: Mas moram em São Paulo?

Cida: Sim, moram em São Paulo.

Mariana: E a sua cidade, você visita?

Cida: Eu ia muito quando minha mãe era viva, eu ia lá no final do ano, mas como ela já faleceu a algum tempo, eu vou pouco.

Mariana: Mas o resto da família?

Cida: Na minha família somos em quatro irmãos, um mora em Belo horizonte, outro em Brasília, e o outro na Bahia, então vê é mais difícil, né...

Mariana: E você tem filhos?

Cida: Tenho um filho.

Mariana: Ele não mora com você?

Cida: Não, ele mora na Bahia.

Mariana: Com o pai dele?

Cida: Não, ele já casou, tem duas filhas...

Mariana: E você vai visitar ele às vezes?

Cida: Não, costuma ir pra lá uma vez a cada dois anos.

Mariana: E quantos anos ele tem?

Cida: 24 anos...

Mariana: Entendi. E... Você tem carteira de trabalho assinada?

Cida: Sim.

Mariana: E isso é desde que você se mudou para cá e começou a trabalhar?

Cida: Não. Faz uns três anos. Três anos pra cá...

Mariana: Desde mais ou menos 2009, então?

Cida: Isso.

Mariana: E você conhece os seus direitos relativo a isso?

Cida: Olha, pelo o que eu vejo falando, na televisão, é que a empregada doméstica tem direito a férias, décimo terceiro, menos fundo de garantia, né.

Mariana: E você costuma conversar com os seus patrões sobre isso?

Cida: Não...

Mariana: Mas mesmo que não seja diretamente sobre os seus direitos...?

Cida: Não...

Mariana: E você costuma conversar sobre isso com alguma colega ou amiga?

Cida: Uhum...

Mariana: Não necessariamente sobre a carteira assinada, mas sobre esses direitos...?

Cida: Olha, já falei sim,

Mariana: E você acha que a carteira assinada mudou alguma coisa na sua vida?

Cida: Não.

Mariana: Desde lá para cá, você acha que nada mudou.

Cida: Não, não mudou nada, é...Pega uma parte do salário para pagar INSS, né.

Mariana: E por que você passou a ter a carteira assinada se antes não tinha?

Cida: Porque eu tinha um imóvel da Cohab e pra passar pro meu nome precisava da carteira. Foi isso.

Mariana: Pode me explicar melhor?

Cida: Tinha o apartamento e pra passar pro meu nome...

Mariana: Não tava no seu nome?

Cida: Não, eu comprei de segunda mão, e a carteira assinada era uma garantia pra eles.

Mariana: E antes você não queria ser registrada.

Cida: É porque foi assim. Quando eu entrei, ficava enrolando, enrolando, porque eu ia pra embora. E aí o tempo foi passando?

Mariana: Embora pra casa?

Cida: Embora pra Bahia.

Mariana: Ah, tá. Pra voltar lá pra ficar?

Cida: Isso, isso... E aí o tempo foi passando. Aí depois eles falaram que fizeram uma conta lá e eu tinha que pagar x, pagar minha parte, e eu não tinha o dinheiro no momento, né, não tinha pra pagar o atrasado.

Mariana: Você tá falando do INSS?

Cida: É, do INSS. Só que eu não tinha o dinheiro, a quantidade certa...

Mariana: Mas e depois?

Cida: Aí esse assunto morreu, até eu precisar pro apartamento.

Mariana: E você que a carteira não mudou nada na sua vida.

Cida: Não, até agora, não...

Mariana: E o apartamento, deu certo?

Cida: É um processo lento. Ainda vou conseguir...

Mariana: Tá bom, acho que é só isso, muito obrigada, Cida.

Cida: Que isso, de nada.

Entrevista com Cida

Mariana: Então Cida... Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir, pode não falar o seu nome. Para essa entrevista, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes. Primeiro gostaria de fazer algumas perguntas sobre você... Qual é o seu nome? Se quiser não precisa dizer.

Cida: Eu posso... É Maria Aparecida da Silva.

Mariana: Queria que você me dissesse agora onde você nasceu e quantos anos você tem.

Cida: Eu nasci em Cidade de Bela Vista, Paraná. Eu tenho 55.

Mariana: Eu queria saber também onde você mora.

Cida: Eu moro em Itaquacetuba.

Mariana: E desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Cida: Eu trabalho praticamente desde quando a Aline (filha mais velha da patroa) nasceu. Quando ela tinha cinco meses eu vim trabalhar com eles. Eu já tinha trabalhado, né, como empregada doméstica, mas pouquinho tempo. Eu trabalhei no Paraná, trabalhei em São Paulo mesmo, nove meses e através desta

moça que eu trabalhei, que eu vim trabalhar com o Mirna (patroa). Com a Mirna mesmo já tem 22 anos.

Mariana: E antes de trabalhar com a Mirna você trabalhou quanto tempo mais ou menos?

Cida: Trabalhei dois meses só. Aí depois eu sai pra ir embora lá do Paraná. Assim, lá no Paraná eu trabalhei nove meses, mas também não deu para ficar lá, aí a gente veio embora. Fui muito bem recebida nesta casa. Trabalhei no Paraná e não parava empregada nenhuma lá. Trabalhei com um escrivão da cidade, sabe. Ai não paraba empregada nenhuma, aí quando eu cheguei lá, já me conhecia, me chamou pra trabalhar e trabalhei nove meses. A cidade é pequena e todo mundo ficou admirado, porque eu fiquei lá e ninguém ficava.

Mariana: Mas então você ficou nove meses na casa do escrivão?

Cida: Era. Trabalhando como empregada doméstica. Eu ia de manhã e voltava tarde. Aí depois eu vim embora pra cá, consegui o emprego com a Mirna e to até hoje.

Mariana: Ah, entendi. Então você trabalhou os nove meses no Paraná e depois veio pra cá.

Cida: É, depois vim pra cá.

Mariana: Ah sim. Agora queria que você falasse um pouco da sua rotina de trabalho como empregada doméstica.

Cida: Olha, pra mim é um emprego normal. Como eu tenho que trabalhar, né. Se eu não seria empregada doméstica, eu seria outro serviço, mas como eu não tive estudo nada eu tinha mesmo que ser empregada doméstica. Graças a Deus eu trabalho, sou contente com o serviço que eu faço. Sou bem recebida nesta casa. Faço tudo pra eles ficarem contente comigo, né. Um trabalho assim.. Quem gosta é normal, né. Eu gosto do serviço.Eu gosto. Eu trabalho bem, eu acho que trabalho bem feito. Eles nunca me chamaram atenção, né, você vê, vinte e dois anos. Bastante tempo. E gosto.. Sou bem recebida, eles me tratam muito bem, muito bem mesmo. Não tem assim, diferença sabe. Pra mim não teve diferença entre eles. Nem o pai da Aline, nem a mãe e nem a Thais (filha mais nova da patroa).

Praticamente criei ela, né. Quando a Aline nasceu, ela tava com quatro anos. Praticamente criei a Aline e a Thais. E sou feliz... Gosto muito deles. Faço tudo que eu posso fazer, o que eu tenho que fazer, me ponho no meu lugar de empregada doméstica. Não é porque eu to esse tempo todo que eu que eu me acho da família. Eu não me acho da família. Eu sou empregada doméstica, né. Então eu fico no meu lugar. Não sou assim de ficar muito em cima, perguntando tudo né. Eu sei o meu lugar e sei o lugar dos patrão. Mas eles são muito bom comigo, muito bom comigo. E sou feliz com o emprego que eu tenho... trabalhando com eles. Muito feliz mesmo.

Mariana: Entendi... Mas você poderia me descrever um pouco da sua rotina... Como é o seu serviço.

Cida: Ah sim, eu vou para lá. Eu saio de casa, eu acordo quatro e meia, eu saio de casa cinco pra seis, aí eu pego o trem né, a condução até o trem, venho até o Brás, pego o metrô, do metrô mais uma condução para ir para lá e isso é todo dia, de segunda a sexta. Não venho sábado. Segunda a sexta e... No mesmo dia. A mesma rotina, a mesma coisa para ir embora e faço todo o... Como se diz... O que tem que fazer né. Todo dia. É um pouco cansado. O metro também é cheio...

Mariana: Você pega o trem, metro...

Cida: Não, eu pego uma condução, eu pego o trem. Eu pego em Susano. Em Susano eu pego o trem até Guaianás. Em Guaianas eu pego o trem até o Brás. Do Brás eu pego o metro até o Anhangabaú. Em Anhangabaú eu pego mais uma condução para ir para lá. Ai de tarde é a mesma coisa. Eu faço o mesmo trajeto né. Isso de segunda a sexta. Sábado eu não vou a não ser quando eles pedem para eu ir. E todo dia eu faço isso...

Mariana: E que horas você chega e vai embora?

Cida: De lá eu saio cinco horas, dez pra cinco, vinte pra cinco eu to saindo. Eu saia mais tarde. As meninas cresceram né. Não tem mais aquele trabalho que tinha né. Então, quinze pras cinco, cinco horas eu to saindo né. Chego em casa, quando tudo bem as condução, chego dez pra sete, sete hora. Se tiver tudo normal as condução. É difícil né, porque Itaquacetuba é longe né. Mas eu procuro não faltar. Eu não falto, venho todo dia. Se precisar ficar, assim, se eles pedem, é difícil, quando eles pedem pra ficar eu fico.

Mariana: Ficar depois do horário?

Cida: É difícil né. É muito difícil...

Mariana: Mas por que motivos, por exemplo?

Cida: Vamos supor assim... Que nem... Agora isso já não acontece mais, aconteceu isso muito. Quando a Mirna vai sair para algum canto, eles liga, “Mirna da pra ficar até mais tarde pra mim?”. Eu, “Não, tudo bem, não tem problema”. Aí ela pergunta, “Cida, dá para você ficar até mais tarde pra mim?”. Eu fico não tem problema. Mas é difícil, não acontece isso mais, por causa as menina cresceram. Então não acontece mais.

Mariana: Mas quando elas eram crianças você ficava sempre? Que horário mais ou menos?

Cida: Eu ficava. Eu chegava as sete, oito horas. Ficava até seis e meia, sete.

Mariana: Mas você não dormia?

Cida: Dormia. As vezes dormia. Não era sempre também, mas as vezes eu dormia.

Mariana: Era quando os seus patrões pediam?

Cida: Quando eles pediam. Quando eles pediam eu ficava. Mas não era sempre também. Quando eles iam sair e não dava para levar elas, né. E aí eu ficava, mas também era muito difícil. Não era assim “Cida, você fica, porque hoje você tem que ficar”. Realmente, era quando eles precisavam mesmo.

Mariana: Eles saiam bem de vez em quando?

Cida: Como assim?

Mariana: Isso acontecia de vez em quando?

Cida: Isso acontecia de vez em quando, não era sempre não. Isso era geralmente quando elas eram menor né. Falavam, “Cida, hoje vou chegar mais tarde, né, sete meia, oito horas, dá para você ficar com as menina?”. Aí como já tava tarde pra mim ir embora, EU preferia ficar, né. Aí eu ficava. Eu pedia pra dormir, eu preferia ficar. Mas era muito difícil também.

Mariana: Mas na época que elas eram pequenas você era empregada doméstica, babá ou era meio os dois?

Cida: Olha, eu entrei pra cuidar da Aline. Só pra cuidar dela. Mas eu... Seu Luis falou assim, seu Luis é o pai dela né... “Ó Cida, se você quiser cuidar dela e fazer alguma coisa mais, você não vai perder. Quer dizer assim, lavar uma loucinha, arrumar a casa, lavar o banheiro, se não vai perder”. Eu falei, “Não, a hora que ela tiver dormindo, que ela não dá trabalho, eu posso fazer né, por que não”. Aí eu comecei a fazer né, a hora que ela tava dormindo, a hora que ela tava quietinha, que eu não precisava ficar em cima dela, eu comecei a fazer as coisas, a sopinha dela, comecei a fazer as coisas e to até hoje né.. Não perdi né rs rs...

Mariana: Mas nesta época tinha alguma empregada?

Cida: Não, não... Tinha eu só. Sempre fui só eu. As vezes vinha a faxineira, mas era muito difícil. Eu sempre dei conta de tudo. Não tinha faxineira. As vezes ela falava “Cida, você tá muito cansada, eu vou arrumar uma faxineira para você ou você arruma pra fazer o serviço”. “Tá bom”. Mas era muito difícil. Eu sempre dei conta. Também era mais nova, né. Eu dava conta, cuidava dela, e depois veio a Thais, comecei a dar conta também e consegui da conta das duas, né. Lavava, passava, até hoje eu faço tudo isso. Lavo, passo, cozinho. E tou feita, graças a Deus, dou conta de tudo. Dou conta de tudo...

Mariana: E você cozinha todo dia?

Cida: Quando a Thais tá em casa, agora. Quando a Thais tá em casa eu dou almoço pra ela. Aí eu faço almoço, ela almoça, mas não é todo dia agora que eu cozinho, porque eles tem aquele negócio de dieta né. Então não é todo dia que eu to fazendo almoço. Só mesmo quando a Thais tá. A Aline tá trabalhando, não come em casa. Eles também não vem almoçar em casa.

Mariana: E janta você faz?

Cida: É difícil eu deixar janta pronta, é muito difícil.

Mariana: Eles não pedem?

Cida: Não, eles nunca pediram. “Cida, deixa a janta pronta pra mim”. Não. As vezes eu que.. Sabe, vou deixar a janta pronta. Mas também é muito difícil. Assim,

deixou uma verdura lavada, um feijão cozido né, no fim de semana eles compram muita verdura e eu deixo lavada. Mas também não sou obrigada. Eles não me obrigam a fazer isso. Eu faço mesmo, porque eu quero, né. Eu sei o que eu tenho que fazer né. Então eu faço. Ela não precisa ficar me empurrando, Cida faz isso, Cida faz aquilo. Eu faço, faço a limpeza, lavo, passo, faço a faxina, faço tudo. Ele é advogado né. Tenho que cuidar das roupas dele né. Faço tudo normal né. Como qualquer uma faria no meu lugar. Então eu faço tudo, como eu preciso fazer, como eu sei que tenho que fazer, né. Eles são muito bons, não me maltratam, nunca falaram estúpido comigo, eles nunca me chamaram atenção em nada né, porque não precisa, eu dou conta de tudo... Nunca chegaram gritando comigo, porque acontece né, mas comigo, graças a Deus, nunca aconteceu. As menina são muito obediente comigo, tanto a Aline como a Thais, elas me respeita. As vezes eu tenho que chamar a atenção, é difícil, mas quando eu tenho que chama eu chamo. Elas não me responde. Agora ficaram moça, né. Mas quando eram crianças, tinha dia que eu tinha que pegar no pé. Mas agora não, elas me respeitam muito bem, me tratam muito be, eu trato muito bem elas.

Mariana: Mas você não vê mais elas todo dia?

Cida: Não, não... A Aline vai fazer dois meses que ela tá trabalhando e eu nunca mais vi. Só converso com ela no telefone. Porque quando ela sai, eu ainda não cheguei. Eu chego oito e meia, nove horas. A Thais eu vejo, eu vejo ela na terça e na quarta, que ela sai um pouco mais tarde. Agora a Aline tá trabalhando, mas a gente se fala por telefone, eu ligo pra ela, ela liga pra mim, eu até falei que to morrendo de saudade dela. Ela disse “Eu também, tia”. Sabe, a gente conversa muito, ela conversa muito,a Mirna e a Thais também.

Mariana: E a Mirna e o Luis, você os vê todo dia?

Cida: Sim, a Mirna eu vejo todo dia. Ela sai nove horas, o seu Luis também. Tem semana que eu não vejo, mas tem semana que eu vejo todo dia. As vezes ele liga pra mim, quando precisa perguntar alguma coisa pra mim ele liga. A Mirna e o seu Luis eu vejo sempre.

Mariana: Mas quando você vai embora eles ainda não chegaram?

Cida: Não, não. Ninguém. Fecho o apartamento, pego a chave e vou embora.

A chave fica comigo.

Mariana: E você costuma conversar com a Mirna?

Cida: Converso, converso bastante. Eu desabafo meus problemas tudo com ela. A gente sempre tem problema né.

Mariana: Mas isso de manhã então, antes dela ir pro trabalho?

Cida: Ah, converso, as vezes ela chega na cozinha “Oi, Cida” ou eu vou no quarto “Oi, Mirna”. A gente conversa. Ela sai “Tchau, Cida”. Seu Luis: “Tchau, Cida”. Eles nunca saem sem me dar tchau.

Mariana: E você conversa sobre a sua vida pessoal?

Cida: Converso muito com a Mirna.

Mariana: Conversa mais com ela do que com ele?

Cida: É, ele sabe de tudo, mas ela sabe mais rs rs. Mas ela sabe de tudo, meus problemas, eu conto pra ela. As vezes ela conta pra mim também, nem tudo, mas como eu já conheço há muito tempo, as vezes eu chego e falo. Que nem agora ela vai viajar, hoje ela disse “Cida, vou viajar semana que vem...” Ela sempre se abre, não tudo se abre comigo, como eu não me abro mais com ela.

Mariana: E sobre a sua casa. Como você dá conta de fazer o serviço doméstico lá?

Cida: Olha eu... Eu chego em casa sexta e no sábado eu vou lavar, vou passar, vou fazer faxina. Vou cozinhar, tenho filho solteiro ainda. Vou fazer o serviço que eu não faço no fim de semana, que eu não faço no sábado e domingo. Mas aí eu também dou conta, tenho um menino que trabalha, tenho que dar conta da roupa dele passada.

Mariana: Você mora com quem?

Cida: Moro eu, meu marido e meu filho solteiro.

Mariana: E quantos anos o seu filho tem?

Cida: Tem 37, filho solteiro ainda... E ele trabalha em um restaurante, ele é gerente e trabalha só com roupa de camisa manga comprida e branca. Eu tenho

que dá conta. Eu lavo, as vezes eu até levo pra lavar lá, que ele suja durante a semana. Ai eu passo a noite, no fim de semana eu dou contadas outras que eu tenho que lavar. Aí eu lavo no final de semana, na segunda feira de noite eu passo e não falta, não é porque eu trabalho que eu não cuido do que eu tenho que fazer em casa. Eu faço tudo.

Mariana: Então na sua casa você faz tudo sozinha?

Cida: Eu faço tudo. Ninguém me ajuda. Lá em casa é grande e se eu for pagar não compensa eu trabalhar. Então eu faço tudo sozinha. Cuido do marido, marido doente, tem diabete, problema de pressão alta.

Mariana: Ele não trabalha?

Cida: Não trabalha. Já tá com oito ano que ele tá desempregado, porque ele não consegue emprego.

Mariana: E ele não te ajuda no serviço?

Cida: Ajuda, lava uma loucinha, arruma a casa. Lá do jeito dele, mas ele faz, né. As vezes ele põe o feijão no fogo pra mim, pra quando eu chegar eu fazer a mistura, ou uma verdura, normal. Ele ajuda como ele não tá trabalhando, ele faz, do jeito dele lá, mas ele faz... Ai no fim de semana eu faço tudo o que eu tenho que fazer.

Mariana: Mas durante a semana você não faz nada né?

Cida: Não, não... Durante a semana eu não faço nada, né, como eu falei eu chego tarde. Assim, as vezes, como eu falo, né, passar uma camisa do menino, né. E... mas durante a semana eu não faço nada, né. Faço a janta, e vou descansar, né, pra no outro dia eu ir... Só final de semana mesmo...

Mariana: Então você cozinha na sua casa durante a semana?

Cida: Cozinho, né, como eu falei. Eu faço assim né. Quando eu chego em casa que ele cozinhou o feijão eu faço uma carne pra ele, uma verdura, uma mistura, né. Durante a semana faço a janta normal.

Mariana: Voltando um pouco no assunto da relação com os seus patrões e as meninas, como você poderia dizer que se sente em relação ao seu trabalho?

Cida: Ah, eu me sinto bem. Me sinto muito bem. Gosto muito deles. Gosto de todos mesmo, principalmente das meninas que eu praticamente criei, né. Gosto muito delas mesmo. E eles são uns patrões muito bons, não tenho que falar deles. Me paga direitinho, não me atrasa o pagamento. São uns patrões ótimo, não tenho o que falar. As vezes eu estou no trem e escuto usn colega falar dos patrões e eu penso “ai meu deus, os meus não são assim, rs”. Não tem o que falar, né. São muito bons.

Mariana: E você disse que eles te pagam sempre em dia, mas você tem carteira assinada?

Cida: Teeenho. Sou registrada, tenho carteira registrada, vai fazer vinte e dois anos agora em fevereiro. Há vinte e um anos sou registrada. Eles pagam INPS, a condução eles também me dão, não descontam nada da condução. Nem o INPS, também não descontam nada. Porque geralmente se eu for trabalhar numa firma vai ser descontado tudo isso, né. Eles não desconta nada. Nem a condução, nem o INSP, eles pagam tudo sozinho. E tem o total na carteira. Mas o salário mínimo. Mas do que um salário.

Mariana: E no seu outro emprego, antes você tinha carteira assinada?

Cida: Não, não. Tinha, não, né. É porque lá é o Paraná, né. Lá eles não registram. Na época que eu fui eles não registravam. Então eu trabalhei nove meses só que.... Eu pedi pra sair porque eu queria voltar pra São Paulo... Eu não tinha carteira registrada não. Trabalhei nove meses sem registro. Minha carteira registrada, primeira eu trabalhei seis meses no prédio fazendo faxina. Foi registrado. Foi só seis meses. Depois que eu vim do Paraná eu fui trabalhar com eles. Eu fui registrada antes de trabalhar no Paraná. Aí eu vim trabalhar com eles e eles me registraram.

Mariana: E você tem amigas que também são empregadas domésticas?

Cida: Tenho, tenho bastante.

Mariana: Como é a sua relação com elas?

Cida: São muito bem. A gente se dá muito bem com elas. Eu me dou muito bem com elas. Umas fala assim um pouco das patroas. Eu fico meio assim sabe.

Elas falam “você não tem o que falar?”. Eu falo “Se você tem, eu não”. Elas falam “ah, você puxa o saco lá”, ‘não, eu não puxo o saco, to falando a verdade”. Tem uma que conhece a minha patroa, né, então eu falo “não, eu não tenho o que falar”, eu escuto muito coisinha daqui, coisinha dali, mas eu converso muito com elas sobre isso, elas me pedem opinião sobre o INPS, sobre o que eu faço, o que não faço. Eu faço o que eu tenho que fazer, né. Não me obrigam a fazer nada.

Mariana: Você disse que elas pedem opinião sobre o INPS?

Cida: É sobre o INPS, né. Essa lei que tá tendo agora, né. Que empregada doméstica tem direito de tudo, né. Eles não comentaram nada ainda, os patrões. Mas eu tenho certeza que vão comentar, porque ele trabalha com o negócio de INSS, né, ele é advogado sobre o negócio de INSS. Eu sei que quando as empregada tiver o direitos que estão falando que tem, eu tenho certeza que ele vão chegar em mim e comentar comigo. Não perguntei nada, não fiz pergunta.

Mariana: Você sabe quais são esses direitos?

Cida: Ah, os direitos que a gente vê lá na televisão. Que é o direito de fundo de garantia, né, o direito do seguro desemprego, o direito de...O que mais eu ouvi falar na televisão... Sobre hora extra, essas coisas assim, mas acho que isso daí não foi aprovado ainda. A gente escuta falar no jornal, falar no rádio. Eles comentam, as colega comentam no trem, né. Elas perguntam “e o seu patrão, falou alguma coisa pra você?”, eu digo “não, não falou nada”. Se eles toca no assunto, tudo bem, se eles não tocar eu deixo por eles. Porque não precisa eu ficar em cima, eu conheço eles, não precisa eu ficar em cima.

Mariana: Mas você conversa isso com eles?

Cida: Não, eu não pergunto nada pra eles.

Mariana: Mas você conversa só se eles vierem falar com você?

Cida: É, se eles me perguntarem, falarem alguma coisa, aí a gente conversa, né. “É Cida, a empregada doméstica vai ter direito disso, daquilo”, “É ainda bem seu Luis, tem que ter, né”. Mas também é só isso. Não aumento mais a conversa, porque eu tenho medo que alguma coisinha que eu falar errado, rs rs. Então eu não comento nada sobre o emprego doméstico com eles.

Mariana: Mas você nunca conversou disso então?

Cida: Não, nunca conversei com eles. Nunca pedi aumento pra eles, nunca conversei sobre isso com eles. Eu só sei que eles pagam o meu INPS e a condução, que é direito, né, senão como que a gente vem trabalhar. Eu sei que eles pagam e não reclamam, a condução tá caro. E o INPS eles pagam, porque... Meus meninos trabalhavam com ele, e os meus meninos que pagavam o INPS, dava ao carne para eles pagar. E também tem que olhar a carteira, porque ele pede, quando é nas férias, ele me paga as férias. Então, não converso nada, não pergunto nada sobre o pagamento de empregada doméstica.

Mariana: E você tava falando das suas colegas que são empregadas domésticas. Elas são amigas de fora ou do prédio de onde você trabalha?

Cida: Eu conheci no trem. A gente pega o trem todo dia com a mesma pessoa e faz amizade, né. Que nem eu conheço três, a gente conversa muito e elas comentam muito sobre isso “empregadas doméstica isso, empregadas doméstica aquilo”, “que empregadas domésticas vão ter direto, não sei o que, não sei o que”. Elas não são felizes com os patrões.

Mariana: Você vê elas só no trem?

Cida: Só no trem. As vezes elas vão em casa. Elas moram perto de mim. Inclusive todas as três, que a gente mor ano mesmo bairro né. Eu conheci depois que eu mudei pra Itaqua, antes de mudar pra lá eu não tinha conhecimento nenhum com empregada doméstica. As vezes eu falava assim, mas de amizade não. Essas aí eu peguei bastante amizade. Moram no mesmo bairro, pegam a condução num horário só. Então, a gente conversa muito.

Mariana: E no prédio, você conhece?

Cida: Conheço, mas não converso muito, só cumprimento.

Mariana: E como que você pode me dizer que é então o seu relacionamento com pessoas que trabalham na mesma atividade?

Cida: Normal.. a gente conversa assim...

Mariana: Você tem outras amigas que trabalham em outra atividades?

Cida: Tem uma que é faxineira de banco, faxineira de prédio, mas não tocamos muito em assunto sobre serviço. Conheço pouco, mas não é muito.

Mariana: E elas vão na sua casa?

Cida: Não, não... Conheço de condução. Tem umas que moraram perto de casa, mas a gente não tem muita amizade. É “oi, bom dia, boa tarde”.

Mariana: Na sua casa, você fica mais com a sua família?

Cida: É, mais com a minha família.

Mariana: Você sabe dizer se as suas colegas tem carteira assinada?

Cida: Tem. Todas elas. Uma não, porque ela trabalha por dia. Mas é todo dia. Todo dia ela vai. A outras tem?

Mariana: E você conversa muito sobre isso?

Cida: Quando eu falando sobre o serviço a gente conversa. Mas não conversa muito não. Principalmente esta que trabalha na Vila Madalena, ela comenta muito, né, ela trabalha bastante e ganha menos do que eu, ela ganha mesmo menos do que eu. E que ela é registrada, mas ela queria ganhar mais. A outra trabalha por dia, mas é todo dia, também não é registrada.

Mariana: Então, elas reclamam

Cida: Sim, reclamam muito.

Mariana: E pensando sobre o seu emprego anterior, você pode dizer que a carteira de trabalho mudou a sua vida?

Cida: Sim mudou. Porque antes lá no Paraná eu não tinha. Eu sou muito contente no serviço que faço e na casa que eu trabalho. Eu acho que sou muito bem recebida. “Porque, Cida, você precisa de nós, mas pensando bem a gente precisa mais de você”, por causa da Aline, né. Sai de manhã, fica com a gente,. Todo dia sai de segunda a sexta, não sei que assunto que foi e ele me respondeu isso, “você precisa da gente, mas pensando bem a gente precisa mais de vocês, principalmente quando a gente pega confiança que nem você”. Ter confiança assim é difícil, eu nunca judiei da Aline, numa gritei com ela. Tem empregada que eu conheço que gosta de falar alto com criança. Isso daí ela nunca tem o que falar de

mim, a mãe dela né. O pai segunda feira dizia “ufa, graças a deus você chegou”, rs rs. “Por que?”, “não aguento mais essa menina”. “nossa eu fico a semana toda e não sinto diferença nenhuma” “Só você para aguentar”... Então o que eu vou falar. Não tenho que falar...

Entrevista com Madá

Mayara: Eu e mais um grupo de pessoas, a gente ta fazendo um trabalho sobre como é a vida das empregadas domésticas, então a gente vai falar com bastante gente, é, reunir tudo o que contarem para a gente e analisar e escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. É... para fazer essa entrevista eu gostaria que você não, eu preciso que você não deixe de falar nada, assim, qualquer impressão que você tiver, qualquer opinião, pode contar tudo. Se você preferir...

Madalena: Tudo bem. Você vai fazer as perguntas, né?

Mayara: Isso, se você preferir não precisa nem falar seu nome completo.

Madalena: Não, tudo bem, não tem erro não.

Mayara: Como é seu nome?

Madalena: Madalena de Moraes Barbosa.

Mayara: Onde você nasceu?

Madalena: Marília.

Mayara: E quantos anos você tem?

Madalena: 67, eu sou do quinze do três do quarenta e cinco.

Mayara: Onde você mora?

Madalena: Agora?

Mayara: Isso.

Madalena: Atual, é... Jardim Grimaldi... Vila União, Alexandre Galera, 192.

Mayara: Desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Madalena: Eu era diarista quando eu comecei na família, né...

Mayara: Hum...

Madalena: Meu trabalho era diarista, depois que a Solange pegou eu como assim, três vezes por semana, e registrou eu. Faz quinze anos...

Mayara: É...

Madalena: Mas casa de, assim, casa... diarista, trinta e... trinta e quatro anos, por aí trinta e cinco.

Mayara: E como que é a sua rotina como empregada doméstica no seu trabalho?

Madalena: No meu trabalho?

Mayara: Isso, como é a sua rotina no seu trabalho?

Madalena: Como assim, assim eu...

Mayara: É, se você dorme no emprego, se...

Madalena: Não, eu não durmo no emprego não...

Mayara: Não dorme no emprego... Tem criança onde você trabalha?

Madalena: Agora não, mas tinha (risos).

Mayara: Certo. Como você se desloca ou vem até o seu trabalho?

Madalena: Ônibus.

Mayara: De ônibus?

Madalena: De ônibus...

Mayara: E na sua casa, como que você dá conta? De lá e daqui, como é que você dá conta de casa?

Madalena: Ah, tem que dar, né, a gente... Ah, eu cuido da minha casa também, ontem mesmo eu lavei minha roupa, né, de cama, que eu vinha hoje, tudo normal para nós, meu marido me ajuda também lavar louça... quando ele chega, né... tranqüilo.

Mayara: E como que é o seu relacionamento com os patrões?

Madalena: Nossa, sempre foi maravilhoso. Agora então nem se fala... Sempre foi, assim, eu sou tratada como da família, eu trabalho para a família, eu trabalhava para a família, tia... tia, prima, né, cunhada, e depois que a Solange me pegou como, assim, hã, por mês, né, daí ela me registrou, quinze anos já... Nossa, ótimo.

Mayara: E com que freqüência que você vê eles?

Madalena: Ah, toda vez que eu estou no trabalho eu vejo eles, né...

Mayara: Certo... e você vem quantas vezes para cá por semana?

Madalena: Três vezes.

Mayara: Três vezes, certo. E vocês costumam conversar quando você vê eles?

Madalena: Nossa, demais (risos)!

Mayara: E como que você é tratada pelos filhos dos seus patrões?

Madalena: Nossa, nem fale (risos)... Eles são ótimos. Nem tem palavras.

Mayara: E como você se sente no trabalho, quando você está no trabalho?

Madalena: Ah, eu sinto assim como fosse na minha casa, porque... nossa, são uns amores para mim, é minha vida eles... É igual eu falo para o Rô, o pai dele, do Marcel, falo assim “ah, você é um filho querido que eu tenho, viu...”. De tão bons que eles são.

Mayara: E como é o seu relacionamento com as colegas domésticas, se você tem colegas que são empregadas domésticas? Como é que é o seu relacionamento com elas?

Madalena: Ah, assim, eu tenho minhas cunhadas, né, que elas são diaristas também... Mas eu sou assim não de falar das coisas dos patrões, você entendeu? Eu acho que cada um tem o seu... o seu jeito de trabalhar, seu tratamento, não assim eu... entendeu?

Mayara: E como é o seu relacionamento com colegas que trabalham em outras atividades?

Madalena: Ah, são ótimas, a gente conversa, às vezes a gente vem no ônibus conversando, mas, assim, eles falam do serviço, mas eu nunca... Agora estou para

me aposentar, né...

Mayara: E a carteira assinada, você tem desde quando mesmo?

Madalena: Há quinze anos, fez, né...

Mayara: Quinze anos... E você conhece seus direitos? De... de empregada com carteira assinada?

Madalena: Ah, eles me dão todos os direitos, né, por isso eu não... eu não sei mas eles dão sempre, todos direitos são... eles me dão. Nossa, eles, não tem palavras, viu.

Mayara: E você conversa sobre os seus direitos com as suas colegas, alguma coisa assim?

Madalena: Não, não sou de comentar não. Só na minha família, que a gente comenta as coisas, né.

Mayara: Hum.

Madalena: Entendeu? Mas não com colegas não.

Mayara: E ter a carteira assinada mudou alguma coisa na sua vida?

Madalena: Ah, bastante, eu devia ter ou pagado antes, daí eu tinha me aposentado há muito tempo, né, que agora eu to assim com artrose nos dois joelhos, né. Eu já tinha aposentado há mais tempo, né. Mas assim mesmo eles tão querendo que eu venha depois, ainda continuar, que o Marcel tem ainda a vida por vir. Vem a moça limpar aí, mas ele... não suporta (risos). Não tem nada contra ela, mas ele fala... não dá. Mas aí, é, também, né, sempre foi meu filho querido (risos).

Mayara: Mas tirando essa parte de ter os seus direitos e poder aposentar, mas alguma coisa mudou na sua vida pelo fato de ter a carteira assinada?

Madalena: Ah, muda, né, filha, muda bastante, né. E depois eu achei eles que me... porque a cunhada dela que ia me registrar, né, e depois o Ronaldo falou “não, não, Madalena”, porque eu trabalhava de... no banco, de limpeza, saía das casas de família e ia trabalhar no banco, eu fazia limpeza até onze horas da noite.

Mayara: Hum.

Madalena: É... Eles achavam que judiava muito de mim, né... Eu tinha só 33 anos quando comecei a trabalhar... era difícil, então eles, daí ele falou: “não, não, pode sair do banco que a gente registra você”. É, daí a Solange falou: “não, eu é que vou registrar”. Aí tinha feito os papéis depois a Solange me registrou. Por isso que eu falo, eu não tenho palavras. Não tem mesmo. Posso falar nada.

Mayara: Tá certo...

Madalena: Se eu falar vou mentir (risos).

Mayara: Tem mais alguma coisa que você tenha a falar?

Madalena: Ah, ano passado teve uma época em que eu me machuquei, aí eu fiquei afastada quase dois meses, foi em novembro isso. E, mas eu tinha todos os meus direitos também.

Mayara: Uhum.

Madalena: Ela nunca deixou de me pagar. Ah, eu não posso dizer nada, sabe, filha? Não porque eu estou na sua presença, assim, nada. Eu falo para a minha família, ali é minha casa.

Mayara: Que ótimo.

Madalena: É, você vê que eu sei do meu lugar, eu sou (risos)... Agora tem muitas pessoas que são “entronas”, né, se metem nas conversas, eu não. Eu entro na cozinha, eu vou cuidando até eles levantarem (risos)... Vou fazendo minhas coisas. É, sempre foi meu ritmo assim, eles sabem...

Mayara: Bom, acho que a gente termina por aqui, Madalena. Agradeço muito pela sua entrevista, desculpa tomar seu tempo...

Madalena: Não, que isso, filha. De nada...

Entrevista com Mardete

Ticiana: Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o

que elas acham. Se você preferir, pode não falar seu nome completo. Para essa entrevista, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes.

Ticiana: É... Aí vamos lá. Como é seu nome?

Mardete: Mardete... Francisca da Conceição.

Ticiana: Onde você nasceu?

Mardete: Pernambuco.

Ticiana: Quantos anos você tem?

Mardete: 46.

Ticiana: Onde você mora?

Mardete: Atual moro no Polvilho.

Ticiana: Desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Mardete: Nossa, faz muito tempo... (risos) Desde quando eu comecei a trabalhar mesmo, que eu tinha uns 15 anos, por aí.

Ticiana: Então mais ou menos desde os 15 anos?

Mardete: Isso, desde os 15.

Ticiana: Tá.

Ticiana: Acho melhor eu colocar o gravador mais perto porque se não não vai dar pra ouvir depois...

Ticiana: Primeira pergunta... Como é a sua rotina como empregada doméstica no seu trabalho?

Mardete: No meu trabalho, a minha rotina, é... Pra começar, eu faço de tudo, né. Lavo, passo, cozinho, arrumo, faço tudo. E é assim, a rotina é sempre corrida, né? Pra dar conta. (risos)

Ticiana: Você dorme no emprego?

Mardete: Não.

Ticiana: E há crianças onde você trabalha?

Mardete: Não.

Ticiana: É... Como você se desloca/vai até o trabalho?

Mardete: Pra mim me deslocar, é... Eu venho até um certo ponto na caminhada, até a portaria. E de lá eu venho na caminhada. Eu gasto mais ou menos uns 25 minutos até aqui o meu trabalho.

Ticiana: Ok. E da sua casa, como você dá conta?

Mardete: Da minha casa... Ah, eu quase não faço nada na minha casa durante a semana porque as minhas filhas fazem. Às vezes eu faço só alguma coisa pra comer ou na janta, alguma coisa assim, mas o resto são elas que fazem.

Ticiana: Tá...

Ticiana: Como é o seu relacionamento com os patrões?

Mardete: O meu relacionamento com os meus patrões são (sic) bom. Não tenho o que falar deles.

Ticiana: E com que frequência você os vê?

Mardete: Eu quase não vejo meu patrão assim, passo uns meses, uns 15 dias sem ver ele, agora a minha patroa eu vejo quase todo dia... De manhã. Só de manhã. (risos)

Ticiana: E... Vocês costumam conversar?

Mardete: Costumo. Eu conto meus problemas pra ela, ela chora junto comigo. (risos) Quando eu tô com um problema muito difícil, ela me ajuda, ela chora junto comigo, é assim. (risos)

Ticiana: E como você é tratada por eles?

Mardete: Eles me tratam super bem, né. Todos eles me tratam bem.

Ticiana: Hm... E como você se sente no trabalho?

Mardete: No meu trabalho eu me sinto assim como se tivesse na minha casa. Porque tem muito tempo que eu trabalho com eles. Uns 8 anos que eu trabalho com eles. Eles são... São umas pessoas que não pegam no meu pé, eu entro até mais

tarde e eles não falam nada por questão de eu tenho (sic) meus filhos, eu tenho que levar no médico e às vezes eu preciso chegar tarde mesmo, então.

Ticiana: Uhum. É... Como é o seu relacionamento com suas colegas domésticas?

Mardete: É legal. (risos) É legal.

Ticiana: Mais alguma coisa para acrescentar, não?

Mardete: Ah, não. A gente conversa sobre os trabalhos, sobre a nossa rotina do dia-a-dia, é muito bom. (risos)

Ticiana: Tá. E como é o seu relacionamento com colegas que trabalham em outras atividades?

Mardete: Também legal, não tenho o que falar. (risos)

Ticiana: Ok. E a carteira assinada, você tem desde quando?

Mardete: Neste trabalho, eu tenho desde 8 anos que eu trabalho pra eles. Mas eu tenho vários registros na minha carteira. Tenho outros registros, já trabalhei de firma, já trabalhei em restaurante, então.

Ticiana: Então, se fazem 8 anos... Desde que você começou a trabalhar aqui que já tem a carteira, né?

Mardete: É, só que assim, eu já trabalhei em vários outros... Antes desse, eu trabalhei num restaurante, trabalhei de babá e trabalhei em firma também. Esse é o último, de doméstica.

Ticiana: Uhum, ah tá. É... E você conhece os seus direitos?

Mardete: É, mais ou menos. (risos) Mais ou menos, mais ou menos. Porque agora tem a lei que a gente vai evoluir um pouco nos nossos direitos, né? Eu acho bom porque pelo menos eles estão reconhecendo o trabalho da gente, né? Que é um trabalho como outro qualquer. Nós praticamente nós domésticas trabalha (sic) mais do que esses outros trabalhos de firma, de... Né? Então a gente rala (risos), tem que ser reconhecido.

Ticiana: É. Você conversa sobre eles com suas colegas?

Mardete: Conversa sim, quando às vezes alguém toca no assunto. Às vezes eu converso.

Ticiana: E tem alguma coisa mais específica, que você considere importante?

Mardete: Mais importante assim é que eu acho que eles tem que pagar direitinho o nosso fundo de garantia, o nosso seguro desemprego. Eu acho que a gente tem que ter todos os direitos, né? É... Assim como a firma paga direito, fundo de garantia, INSS, essas coisas, a gente também tem que passar pelo direito, né.

Ticiana: Uhum. E isso mudou alguma coisa na sua vida?

Mardete: Muda sim, se cada um dos que contrata empregada e tem empregada passar a fazer isso, vai mudar bastante e vida de nós domésticas, né? Então, é importante, eu considero importante.

Ticiana: Ok. Tá bom, é isso só. Já acabou.

Mardete: Rapidinho...

Ticiana: É. (risos) Obrigada, desculpa te atrapalhar aí.

Entrevista com Maria das Dores

Luna: Eu e mais algumas pessoas estamos fazendo um estudo para saber como as empregas domésticas pensam, o que elas acham, o que elas sentem e a gente tá falando com várias pessoas, a gente tá reunindo tudo para analisar essas coisas para escrever o trabalho da faculdade. E se você preferir não precisa falar seu nome, mas se falar quiser falar tudo bem, sem problema. Eu preciso que nessa entrevista você não deixe de falar nada que achar importante. Então, seus sentimentos, tudo que você pensa é importante. Agora vou fazer umas perguntas básicas.

Luna: Qual é seu nome inteiro?

Maria: Maria das Dores Alves de Souza

Luna: Onde você nasceu?

Maria: Ceará.

Luna: Quantos anos você tem?

Maria: 49.

Luna: Aonde você mora?

Maria: Moro na cidade... é.... na Primavera Interlagos.

Luna: E desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Maria: Desde, ah deixa eu lembrar... desde os meus 13 anos. É, eu vim pra São Paulo com 13 anos e ai já comecei a trabalhar.

Luna: E como é sua rotina como empregada doméstica no seu trabalho?

Maria: Olha, graças a Deus, eu não tenho o que reclamar, né? Ah, eu gosto. É bom, né? Cansativo porque a gente é dona de casa, mas eu gosto, me sinto bem até hoje, graças a Deus, tenho encontrado patrões e patroas bons.

Luna: Você não dorme no trabalho, né?

Maria: Não, não durmo.

Luna: E tem crianças no seu trabalho?

Maria: Não.

Luna: É só a patroa e o patrão?

Maria: A dona Lilian, o Rafael e o seu Dalto.

Luna: E o cachorro.

Maria: Isso, a Margaret (risos), o Roney e a Adriana já casaram.

Luna: E como você se desloca até aqui?

Maria: De ônibus e trem. Agora tem metrô né? Com a linha amarela. Agora eu pego trem e metrô. Aí eu venho pro trabalho bem mais rápido agora.

Luna: Você chega mais ou menos que horas? Termina mais ou menos que horas? [o trabalho]

Maria: Então, meu horário é assim: na segunda, quinta e sexta eu chego um pouquinho mais tarde: eu chego 7h30 e de terça e quarta eu costumo chegar às 6h30. Então, assim, como que tá complicado com a doença da mãe dela eu estou

saindo esse horário, 16h, 16h30...

Luna: E como você ‘dá conta’ da sua casa? Quer dizer, você dá conta?

Maria: É complicado. A gente tem que se organizar né? No trabalho e na casa. Como eu não tenho criança pequena, então fica mais fácil.

Luna: Como é seu relacionamento com os patrões?

Maria: Bom, graças a Deus. Eu não tenho o que reclamar deles, estou a treze anos com essa família né? Então, até o momento (risos) eu me sinto bem e acho que eles também gostam de mim.

Luna: É bastante tempo né?

Maria: É, treze anos.

Luna: E com que frequência você os vê?

Maria: Seu Dalto eu vejo de manhã e depois só no outro dia de manhã (risos). A dona Lilian como não trabalha fora, então, ela tá sempre em casa. O Rafael eu vejo bastante porque, por enquanto, está desempregado. Então, ele fica em casa, tá desempregado por enquanto. E a Margaret é o dia todo (risos).

Luna: E vocês costumam conversar?

Maria: Sim, eles são bem, bem bacanas. Toda vez que a gente tem a oportunidade, ficamos conversando. Quando tem um problema, conta conversa com eles. Eles me ajudam. E ela também. Agora com o problema da mãe dela, a gente fica conversando, né, pra acalmar... ela tá bem... bem chateada, né, por causa da mãe dela. Então, eu acho que sempre que temos a oportunidade, conversamos mesmo que pouquinho.

Luna: Entendi. Então, você se sente bem no trabalho?

Maria: Graças a Deus, não tenho o que reclamar, até hoje.

Luna: Como é seu relacionamento com suas colegas que são empregadas domésticas também?

Maria: Assim, eu sou uma pessoa que não faço muita amizade, eu converso, assim, ‘oi, tudo bem?’, mas nada muito mais. É bom, é... aqui no prédio tem uma

bem íntima. Então, quando a gente se vê estamos sempre nos falando, né. Mas ela também se sente bem como empregada lá, gosta, ela tá há muitos anos nessa casa, né, aqui no prédio porque quando eu vim trabalhar aqui, ela já estava ai. Então, ela também gosta do trabalho.

Luna: E vocês conversam sobre o trabalho?

Maria: Não, só outras coisas de amiga mesmo.

Luna: E como que é o relacionamento com as outras colegas que tem outras atividades?

Maria: É normal.

Luna: Você tem carteira assinada desde quando?

Maria: Desde o início, eu entrei, comecei a trabalhar dia 6 e ai de 8 eles já tinham registrado minha carteira.

Luna: Nesse emprego aqui?

Maria: Nesse emprego aqui. Nos outros eu trabalhei também, logo no início eles me registravam. Sempre trabalhei registrada.

Luna: E você tem o conhecimento dos seus direitos?

Maria: É eu tenho. Eles sempre, sempre, né, pagaram direitinho. O seu Dalto costuma pagar um bônus que ele faz, eu não sei o nome, como chama? É.... em cima do salário que tem todo o final de ano, ele faz um levantamento do salário, ai ele paga aquele valor que deu. Graças a Deus, bem certinho. Então, é isso que eu recebo. Férias, décimo terceiro e por fora que ele paga.

Luna: Você acha que a carteira assinada mudou sua vida?

Maria: Ah, muda, né. É muito importante pra gente a carteira assinada. Principalmente porque eles sempre falam que a gente vai, volta , espero que nunca aconteça nada, mas se acontecer alguma coisa temos a carteira assinada. É bem melhor.

Luna: Tá garantida, né?

Maria: Com certeza.

Luna: E das suas outras amigas, elas tem carteira assinada, você conhece alguém que não tem?

Maria: Conheço duas amigas que não têm, mas as outras assim, todas tem carteira assinada.

Luna: Acho que é mais ou menos isso. Você tem mais alguma coisa pra falar?

Maria: Pra mim, tá bom. Minha rotina é boa porque venho trabalho, volto pra casa, faço serviço em casa volto no outro dia. Então, tá ocupando seu tempo, tá ocupando sua mente. Então, né, é muito bom o trabalho. Eu gosto. Se ficar em casa, não tem nada pra fazer e ai acaba ficando estressado, né? Eu gosto da minha rotina, cuido das minhas responsabilidades, volto pra casa. Final de semana estou de folga, cuido da minha casa e aqui eu trabalho só de segunda a sexta. Então, cuido daqui, cuido da minha casa, deixo tudo em ordem... e segunda tudo de novo.

Luna: E você é casada?

Maria: Sou viúva.

Luna: Então, você mesmo que cuida da casa?

Maria: Eu mesma.

Luna: Então, você se desdobra?

Maria: Me desdobro. Mas a gente sempre dá conta: é só se organizar direitinho. É igual aqui eu me organizo direitinho porque eu tenho que dar conta de tudo porque só eu sozinha que cuida da Margaret, da roupa, da comida, da casa... deixo tudo direitinho. Se eu me organizo direitinho dá tudo certo.

Luna: Acho que é isso. Obrigada.

Maria: Tá bom querida, espero ter ajudado.

Luna: Ajudou sim.

Entrevista com Valdirene

Mariana: A gente tá fazendo uma pesquisa, cada grupo faz um tema, né, e a gente escolheu trabalhar com a vida de empregadas domésticas. Então... É uma

entrevista, assim, eu vou te fazer as perguntas, mas se você não quiser responder é só falar que não quer, e se você quiser falar bastante, pode falar bastante que é pra isso que eu tou aqui mesmo! É... E a gente vai fazer com várias pessoas, então não precisa ficar preocupada, não vai ser só com você. Então vai ter várias respostas junto, a gente vai juntar tudo depois e reunir num trabalho mesmo. Então pode falar tudo que você sente, assim, tudo o que você acha, porque não tem certo e errado, não tem bom ou mau, é a sua resposta mesmo que interessa. Eu vou começar com o básico, né... Se você não quiser falar seu nome completo, não precisa, aí fica a seu critério.

Valdirene: Tá.

Mariana: Bom, então o básico é: qual é seu nome?

Valdirene: Valdirene Maria da Silva Sá.

Mariana: E onde cê nasceu, Valdirene?

Valdirene: Aqui em Osasco, mesmo.

Mariana: E quantos anos você tem?

Valdirene: Quarenta e um.

Mariana: E é aqui mesmo que você mora, né, aqui em Osasco?

Valdirene: Sim.

Mariana: Hm... E desde quando você trabalha como empregada doméstica?

Valdirene: Olha... Direto, mesmo, faz dois anos, mas eu trabalhava de diarista, tipo três vezes por semana ou quando não tava trabalhando em empresa. Eu sempre trabalhei com produção... Na verdade é o que eu gosto, o que eu quero, mas eu não tou conseguindo mais, talvez até mesmo pela minha idade.

Mariana: Hm...

Valdirene: Porque, é... Eu sei que não é vergonha nenhuma, mas empregada doméstica, a gente quando encontra amigos de infância que tá até em... Em situações melhores, trabalhando em... Aí eu fico, eu fico um pouco receosa, com um pouco de vergonha, “ah, cê, é empregada doméstica”, você vê que a pessoa com o mesmo... Mesmo grau de escolaridade tá melhor... Você ficou pra trás.

Mariana: Hm...

Valdirene: É assim que eu me sinto. Por isso que eu tento às vezes mudar, eu quero mudar, eu sei que eu tenho capacidade pra estar trabalhando com outras coisas... Eu já trabalhei muito, já fui operadora de caixa, telemarketing... Sou mil e uma utilidades, Bom Bril (risos). Mas direto mesmo, vamos dizer três anos, que a V. tem três anos, V. é irmã da J..

Mariana: Aham.

Valdirene: E eu gosto muito da L. e eu tou com ela... E quando eu falo em sair, eu fico com receio, fico com vergonha, não é vergonha, eu tenho dó de deixar ela, porque eu sei que ela precisa do meu trabalho, tenho dó de deixar as meninas. Eu sinto, a V. quando eu falto um dia ela já vem me abraçar... E é assim.

Mariana: É... E como é sua rotina como empregada doméstica, assim, no trabalho? Como que é a rotina lá?

Valdirene: Ah, é... Lá eu tenho minha rotina, eu faço o serviço como se fosse minha casa.

Mariana: Aham...

Valdirene: Já chego de manhã, já vou tirando o lixo, vou arrumando as camas, vou lavando os banheiros, Segunda-feira eu faço uma coisa, na terça eu faço outra, eu passo roupa, lavo, é... Eu, a L. não chega a falar assim “ah, Val, precisa fazer tal coisa”, eu sempre tou adiantada e aí o que eu sei que precisa, então eu vou fazer. Eu sei tudo o que faz numa casa, então eu já vou adiantando.

Mariana: E você dorme lá ou volta pra cá?

Valdirene: Não, eu venho pra casa. Eu trabalho das nove às cinco.

Mariana: Hm... E lá tem criança, né?

Valdirene: Tem, tem a V. de três anos, faz bastante arte, a L., a L. tem dezesseis mas é... Não é bagunceira, é adolescente, né, a J. é assim mais organizada porque já é uma moça.

Mariana: E como que você se desloca até lá, como você vai?

Valdirene: Quando eu tenho-- A L. paga passagem... Paga passagem e às

vezes eu fico, eu fico com dificuldade aqui, aí eu gasto o dinheiro da passagem e vou a pé.

Mariana: Hm...

Valdirene: É muito cansativo, é uma hora de caminhada, uma hora pra ir, uma hora pra voltar, e aí não é fácil, mas ela me paga passagem.

Mariana: Hm... E daqui, como é que você dá conta?

Valdirene: Do serviço de casa?

Mariana: É.

Valdirene: Ah, aqui é o bicho! (risos) Eu chego em casa e vou já fazendo janta, tenho que buscar ele na escola, todo dia tem que fazer uma coisa pra lá e pra cá.

Mariana: Aham.

Valdirene: Antes de eu sair eu tenho que deixar o almoço pronto... Eu faço almoço pra deixar pra ele, eu chego às vezes em casa e já vou lavando roupa, tem dia que fica muito tarde... Tem dia que eu passo roupa até dez horas da noite, onze horas. Não é fácil, porque é de duas casas que eu tomo conta.

Mariana: Duas casas, é... E como é que é o seu relacionamento com os patrões

Valdirene: Muito bom... O M. é patrão, né, então é só oi e tchau, mas a L., a gente se dá muito bem. Eu me sinto até muito pre... Como é que é? Prepotente... Eu acho ela minha amiga, eu acho que ela também... Eu sinto ele como minha amiga. Eu sei que eu sou empregada dela, mas como a gente tem a mesma idade e conversa sobre tudo... Eu sei o meu lugar, mas eu... (risos).

Mariana: (risos) E com que frequência vocês se vêem?

Valdirene: Todos os dias.

Mariana: Todos os dias? Os dois? Tanto ela quanto ele?

Valdirene: Não, o M. de vez em quando, quando eu chego um pouco mais cedo, ele tá saindo, é tchau. E ontem, sexta-feira mesmo, ele foi no médico e chegou mais cedo, almoçou... Mas também almoçou, chegou do médico, voltou e já

foi pro quarto, então não, não o vejo.

Mariana: E vocês costumam conversar?

Valdirene: Só eu e a L., o dia inteiro... (risos)

Mariana: (risos) O dia inteiro? E como que você é tratada por eles, assim?

Valdirene: Como alguém da família, eu acho assim.

Mariana: E pelas meninas?

Valdirene: Também, muito respeito, me respeitam muito.

Mariana: Hm... E como você se sente no trabalho?

Valdirene: Bem!

Mariana: E... Você tem colegas que são emrpegadas domésticas também?

Valdirene: De infância, não.

Mariana: Mas assim...

Valdirene: Não, só colegas de ponto de ônibus que trabalham lá... Mas são colegas mesmo, que oi, oi, nem sei o nome. Mas assim, amigos que eu cresci, não.

Mariana: Ah, tá, cê num tem um relacionamento assim com ninguém, de conversar...

Valdirene: Não. Só em ponto de ônibus, colegas de ponto de ônibus mesmo. Nada mais íntimo, não.

M: Mariana:

Valdirene: Sim, é normal, a gente fica trocando até, tipo, como se limpa o piso... (risos)

Mariana: (risos) Trocando umas dicas?

Valdirene: (risos) É, dicas...

Mariana: E o seu relacionamento com colegas que trabalham em outras atividades?

Valdirene: Bem. Bem, muito bem, às vezes uma amiga liga, tipo, ai, tá admitindo em tal empregp, empresa bom, eu trabalhei na Pullman, esses dias tava a

Cacau Show admitindo, aí eu fico morrendo de vontade d'eu ir. Às vezes eu penso ir, mas eu tenho... Aí eu recuo, porque fica muito difícil, a carga horária de ir até lá fica mais difícil, porque eu não vou dar conta de- dar conta da minha casa. E às vezes eu também penseo em sair, não é por nada, é até aquilo que a gente tava conversando aqui, que eu penso em sair, mas eu queria trabalhar em outra área, eu tava querendo telemarketing, que é seis horas, porque ele [o filho] tava ficando de manhã sozinho.

Mariana: Hm...

Valdirene: Quer dizer, sozinho entre aspas, né, meu primo de dezoito anos, aquele rapazão, ele cuidava dele pra mim. Só que agora mudou tudo, minha mãe tá em casa, meu marido por enquanto também tá por causa do emprego, então agora tá mais sossegado, agora dá pra mim terminar o ano e continuar com a L..

Mariana: É... E a carteira assinada, você tem faz quanto tempo?

Valdirene: Ah, vai fazer um ano em fevereiro, mas é porque eu não queria.

Mariana: Cê não queria a carteira?

Valdirene: Não.

Mariana: Ah, aham.

Valdirene: Ela queria e eu não queria. Porque se eu for procurar em outra área, eu não vou- eu vou ter dificuldade. Minha carteira tá como doméstica, entendeu? Aí é como se tivesse sujado ela, na visão do empregador. Igual agora, eu mandei um currículo em uma empresa que, tipo, pra mim ser atendente e como toda doméstica, me ofereceram de auxiliar de limpeza.

Mariana: Nossa, aham...

Valdirene: É, então eles pegam... Não, eu tenho segundo grau, tenho informática, tenho telemarketing, já trabalhei de atendente, será que não teria como eu trabalhar como atendente aí na, é, seria um hospital, aí ela falou “Ah, quando tiver uma vaga eu te chamo”, eu sei que não vai chamar. É isso.

Mariana: Hm... E os seus direitos, você conhece? Como doméstica, como empregada com carteira assinada?

Valdirene: Então, até conheço... O que pega é que eu não me imponho meus direitos pra L., porque eu acho que se eu ficar falando pra ela ah, eu tenho direito de fundo de garantia, tenho direito de décimo-terceiro com mais um terço, um oitavo, é uma coisa a mais que vem também, eu acho que eu vou tá explorando... Eu acho que tou explorando ela e a minha amizade também eu acho que fica em conflito. Eu tenho medo que fique em conflito, entendeu?

Mariana: Hm... E você conversa sobre esses direitos com as suas colegas ou não?

Valdirene: De ponto de ônibus, sim.

Mariana: Ah, é?

Valdirene: Porque elas ganham, elas têm décimo-terceiro, elas, assim, o décimo-terceiro é descontado do salário delas, nunca quem paga é a pessoa, mas é tipo uma poupança, é como se fosse uma poupança, e o patrão ele abre, deve ser na Caixa, o FGTS, ele vai depositando, aí quando você tem que sair da empresa, você tem aquele dinheiro pra você. Eu já até fui falando com a L., pedi pra L., comentando, pra ver se ela... (risos) Mas eu sei que eu tenho direito a décimo-terceiro, FGTS, com carteira profissinal se eu ficar mais eu tenho direito a hora extra. Mas a gente tem acordo assim, um acordo que, cê tem o contrato, né, não tem nada de boca... Agora eu faltei por causa do cachorro, ela não descontou de mim, ela devia descontar o dinheiro, ela não descontou porque qual é minha orbigação?, pagar as horas que ela me pagou, então eu tou saindo todo dia uma hora a mais. Aí eu até comentei com ela que ela pode, eu posso, eu tenho quinze dias de haver das férias, porque julho eu fiquei quinze dias em casa. Então ela me pagou as férias inteiras, e eu fiquei só quinze dias, então eu tenho mais quinze dias, aí eu posso trabalhar dez dias, não, ficar em casa dez dias e cinco dias eu ia trabalhar, que já dá quinze dias... Mas não ficou nada resolvido e como ela não tocou mais no assunto, eu fiquei quieta.

Mariana: Hm... E a carteira mudou alguma coisa na sua vida?

Valdirene: Ah, mudou, porque quando eu chegar lá na frente e for ver, tentar me aposentar, eu não vou tá perdendo, porque perde, porque falam que com sessenta anos mulher aposenta e o homem com sessenta e cinco, mas não é

verdade.

Mariana: Hm...

Valdirene: Quando a gente corre pra se aposentar com sessenta anos mulher, eles querem saber o tempo de trabalho que tem na carteira, e tem que quinze anos. A minha mãe tem sessenta e um, naõ consegue mais trabalhar por causa da idade, e tem nove anos de trabalho. Ela nem consegue se aposentar e nem consegue trabalhar pra completar os anos que faltam.

Mariana: E aí... Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar, assim, falar, de lá, de como você se sente, de como é trabalhar... Cê que sabe, agora tá aberto...

Valdirene: … A J. vai ficar sabendo?

Mariana: Não!

Valdirene: Ah, eu queria... Eu queria mudar, né, queria tentar trabalhar em outra coisa. Eu sei que ainda tem tempo, eu tenho quarente e um... E esse ano eu vou estudar e vou tentar melhorar, nem se for caixa... Porque quando a gente fica doente, a gente que trabalha em casa de família, e fica doente, ninguém quer saber se você tá com dor na coluna, dor no braço, se você tá resfriada, tem que ir trabalhar.

Mariana: Aham.

Valdirene: Fazer o seu serviço e não pode ficar doente, porque em empresa, quando você tá doente, tem outra pessoa pra te ajudar, né, já em casa de família, não, cê tem que rebolar e fazer seu serviço. E isso não é legal, é chato, isso é o que mais pega. E eu fico meio chateada... A gente nota a pessoa, se eu chego atrasada, o ônibus quebrou ou sei lá, aí a pessoa já te olha com uma cara desse tamanho, não precisa falar nada, o jeito que olhou já acabou com o dia. E é isso que a gente sente, só quem sente mesmo que sabe porque não é fácil. E não adianta você falar “Ah, você é minha amiga, eu te trato bem”, mas lá no fundinho mesmo você é a empregada. Entendeu? Mas é difícil...

Mariana: … Então tá bom. Obrigada, viu, Valdirene, é isso a entrevista.

Valdirene: Nada. Agora vamos tomar um suco?

II. Histórias de vida

História de vida com Fernanda Alves Ferreira

Luna: Eu vou explicar um pouquinho o que é o trabalho, né? Eu e mais algumas pessoas que são quatro meninas a gente tá fazendo um trabalho para saber como é a vida das empregadas domésticas e ai a gente tá fazendo várias entrevistas. A gente quer saber, assim, como as empregadas domésticas se sentem, o que elas acham, o que elas pensam. E assim, tudo que você falar não tem certo ou errado, entendeu? Vale a sua opinião. Ai eu queria saber, assim, mais ou menos que você falasse sobre sua vida e que você falasse as coisas que você acha mais importante assim e... não deixa de falar nada assim que você acha importante. E ai é isso assim, pra você falar mais como é sua vida.

Fernanda: Ah, eu trabalho desde os quatorze anos em casa de família, né? E o meu primeiro registo foi aos 16 anos. Comecei a trabalhar no bairro aonde moro. O primeiro trabalho que eu tive fora foi na Vila Olímpia e ai lá ela me registrou direitinho, daí por diante eu comecei a trabalhar só em casa de família e tudo registrado, né? Só uma que:: ela pisou um pouco na bola comigo porque eu tava registrada, dormia lá e eu fiquei grávida do meu filho e ela me mandou embora. Ela me deu duas opções: ou eu ficava lá e abortava meu filho ou eu saia porque não dava pra ficar mesmo. Daí eu peguei e saí. Ai depois que eu tive meu filho que ela pagou a licença à maternidade e tudo, mas ela não poderia ter feito isso, né? Mas também não recorri a justiça porque achei que não valeria a pena né? Deixei pra lá e quando meu filho nasceu ela cumpriu assim mais ou menos, né, com o que era devido.

Luna: Mas ai você saiu de lá?

Fernanda: Saí de lá e depois quando meu filho nasceu, ela pagou.

Luna: Como ela ficou sabendo que seu filho nasceu?

Fernanda: É porque a pessoa que tava trabalhando de faxineira é uma amiga minha, né? Ai ela pegou e falou pra ela. Ela [a patroa] mandou umas roupinhas pro

meu filho, pediu desculpa porque eu podia até ter processado ela por ela querer que eu abortasse meu filho. Ela me deu até uns chás pra eu tomar. Eu tomei sem saber e depois não deu. Ai eu resolvi sai mesmo. Ela queria até trazer uma parteira da Bahia para, sabe assim, fazer o aborto. Eu achei um absurdo que ela falou 'ah, você não tem condições de cuidar desse menino ou menina sei lá o que vai vim ai e o meu marido não aceita. Você vai ficar passando mal, não sei o que, num vai dar certo. Acho melhor você tirar porque não vai te atrapalhar sua vida, num sei o que.' Eu falei não eu posso morar embaixo da ponte, meu filho eu não tiro não.

Luna: "É que é uma opção sua, né?, escolher ou não.

Fernanda: Então, ai eu trabalhava pra filha dela, né?, também ela me fez sair da filha dela também. Já que não dava na casa dela, não dava pra ninguém. Eu saí, passei uma barra, não foi fácil né? Mas superei, tou trabalhando de:: novo e pretendo mudar assim, né?, de função assim porque casa de família assim é bom, mas num traz assim, hã:: oportunidade pra você, né? Você só fica naquilo só e eu quero o melhor pra mim, né? Enquanto eu não estudar, é claro que eu tenho que estudar tenho que terminar meus estudos, mas com um filho já fica complicado pra você querer isso, mas eu tou lutando. Acho que algum dia eu consigo chegar naquilo que eu quero.

Luna: Aonde você quer chegar?

Fernanda: Ah eu que ter um:: emprego melhor, assim, vou trabalhar de hotel, de camareira, mas é a mesma coisa, só muda os benefícios, né? Porque assim, eu não em importo em trabalhar, mas se em casa de família tivesse os mesmo benefícios que uma empresa oferece eu continuaria trabalhando do mesmo jeito. Eu quero uns benefícios melhor: convênio médico essas coisas. Hoje em dia tá difícil ai o SUS tá complicado, né?

Luna: "Mesmo com carteira assinada...

Fernanda: Carteira assinada sim, mas e os benefícios que deveria ter INSS, eu não tenho, né? PIS [Programa de Interação Social] não tenho. Direito ao PIS empregada doméstica não tem ainda. Então, é ruim né?

Luna: Se você puder me explicar melhor os benefícios...

Fernanda: É o PIS que a gente não tem direito, ainda. Então, ainda estão vendo se vão mudar ou não e os convênios médicos, cesta básica, essas coisas que eles oferecem em uma empresa né? É mais isso mesmo porque o que a empregada doméstica tem hoje só carteira registrada, décimo terceiro e férias e só, mas o PIS não tem. Todo o ano tem direito ao PIS, mas empregada doméstica não tem.

Luna: Você já teve algum trabalho que não tinha carteira assinada?

Fernanda: Eu trabalhei tercerizada, sim, na cooperativa no hospital. Fiquei lá seis meses sem registro, mas eu já sabia que eles não registravam, né? Nem condução nada, eles davam. Era só o salário mesmo.

Luna: Mas de empregada doméstica todos [os trabalhos] eram registrados?

Fernanda: Todos eram. Só trabalhei sem registro no bairro aonde eu morava né? Quando eu comecei a trabalhar com quatorze anos. Ai essa não registrava não. Eu dormia lá e tudo e ela não registrava. Mas é como era muito tempo atrás, então eu não entendia muito. Então, deixei. Nessas ai ela aproveitou, né? Porque eu era menor de idade também. Não sei se isso interfere. Ai depois que eu tomei conhecimento quando entrei nessa casa, uma amiga minha disse que tinha que trabalhar registrado e tudo, todas as casas que eu entrava eu exigia o registro na carteira, né?

Luna: Você acha que mudou sua vida depois que assinou a carteira?

Fernanda: Ah, a carteira assinada, assim, não mudou muito não. Só... o INSS que eu sei que eu vou receber depois, aposentadoria assim, mas financeiramente não mudou muita coisa não, só mesmo uma assinatura na carteira. Você tá pagando, você vai ter direito lá pra frente, do INSS, da aposentadoria. Eu não vejo mudança não.

Luna: Assim se quiser também falar mais sobre sua vida mesmo assim..

Fernanda: É.. eu, no caso, assim, eu consigo pelo salário que eu ganho eu consigo me manter, manter meu filho e eu pago aluguel, tudo mais dá. Dá tranquilo assim. Casei recentemente, faz cinco meses, mas não mudou muita coisa não. Minha vida continua a mesma, continuo pagando aluguel e as despesas mesmo.

Mas estou lutando para ver se procuro uma coisa melhor pra mim. Até por causa do meu filho né?

Luna: Mas você não quer mais trabalhar como empregada doméstica?

Fernanda: Eu quero, eu vou continuar trabalhando, mas se eu tiver outra oportunidade depois de camareira tiver uma outra. Eu vou largar a de camareira e vou pra outra. Eu gosto do que eu faço assim, eu particularmente não gosto de cozinhar. Eu não gosto mesmo. Meu dom é pra casa: gosto muito de limpar a casa, sou muito chata e deixo tudo limpo dentro de casa. Então, para mim se fosse de arrumadeira, eu ficaria o resto da minha vida, mas falou em ter que fazer comida já complica pra mim. Eu não gosto. Não gosto de cozinhar não, não tenho medo de falar não. Mas é aquilo que eu te falei, eu gosto do que eu faço assim. Gosto de trabalhar, sempre trabalhei. Trabalhei em dois empregos: estava de dia em um e de noite no outro. Eu nunca parei de trabalhar e não consigo me ver desempregada. Fiquei desempregada recentemente e fiquei desesperada. Mas como eu tenho bastante conhecimento, eu arrumei logo, né? Mas, é isso, eu não escolho trabalho não. Eu tenho salário desde que dê para sustentar meu filho. Mas é claro que pra mim ter uma oportunidade melhor, uma coisa melhor, tem que estudar, né? Fazer curso, né? E é uma coisa que agora eu não estou conseguindo ainda. Estou com 32 anos e não sei se até os 40 consigo terminar meus estudos porque eu parei na sétima, né? Eu não sei né? Mas por enquanto... assim, quando você tem filho muda muita coisa, né? Você tem que abrir mão disso, daquilo. Então, quando ele tiver uns 10 anos eu acho que eu consigo terminar e fazer o que eu quero. Eu gosto muito de informática, essas coisas de computação, né? Eu quero investir nessa área de telemarketing, marketing... E eu acho que eu consigo. Até os 40 eu chego lá. Mas enquanto isso eu vou trabalhando assim, de empregada doméstica. Antes eu tinha vergonha de falar que eu trabalhava como empregada doméstica porque, assim, era muito humilhante. Digo pela minha família mesmo, sou adotada e o marido da minha mãe não gostava que eu sentava na mesa pra comer porque ele falava: ' ó, você lava ai privada dos outro, você não vai sentar na mesa não'. Então, eu sentava no último degrau da escada porque ele tinha nojo de comer porque ele falava que eu ficava lavando privada dos outros, ficava pegando bosta. Então aquilo entrou na minha cabeça e eu tinha vergonha. As pessoas perguntavam : 'ah, no que você

trabalha?, eu dizia: 'ah, sou vendedora, não sei o quê', mas eu nunca falava que eu era empregada doméstica. Depois que eu entendi que isso era um serviço digno, que você não tá matando, não roubando, não tá fazendo nada, aí eu comecei a falar e parei com essa vergonha de falar, mas eu tinha, até os 18 anos eu tinha vergonha de falar que eu era empregada doméstica. As pessoas acham que empregada doméstica não é nada, eles não valorizam assim, entendeu? Aí depois eu coloquei na minha cabeça que isso não tinha nada a ver não, é um trabalho como qualquer outro. Você tem salário, tem carteira registrada, por que o motivo de falar isso? Então, eu parei com isso e falo mesmo de 'boca cheia': sou empregada doméstica e vou ser até quando Deus quiser. Não tenho vergonha mais não, antes eu tinha muita por causa disso né?

Luna: É que você ouvia isso de uma pessoa próxima né?

Fernanda: É, ficava te humilhando, ficava falando que você tava lavando privada dos outros. Ele achava que a minha mão tava contaminada, sei lá o que era a cabeça dele, muito ignorante né? Minha mãe concordava também, daí pronto né? Aí é complicado assim. Eu trabalhei muito 'pra dormir' [dormindo no serviço] até os 24 anos porque como eu fui adotada não fui assim bem tratada por eles, então, eu preferia morar no emprego. Só que ela [a mãe adotiva] era bem esperta né? Quando chegava o dia do pagamento ela ia lá e pegava o meu dinheiro. Ela ligava lá e perguntava se eu já tinha recebido, ai ela... minha patroa já dava o dinheiro na mão dela.

Luna: Nossa, então, você não tinha autonomia nenhuma?

Fernanda: Não, não. Mas eu preferia assim do que ficar na casa dela porque era muito humilhante lá, eu era muito mal tratada. Então, eu preferia trabalhar pra dormir, morar no emprego do que ficar em casa. Ela me pegou pra criar porque disse que era pra eu ajudar ela, não sei o quê que a minha mãe biológica me deixou na casa dela quando eu tinha 4 meses. Ela [mão adotiva] cuidava de criança tudo. Minha mãe apareceu duas vezes depois não apareceu mais. Aí com 14 anos que eu fui saber que não era filha dela. Aí foi que eu entendi o porque ela me maltratava. Então, ai ela tinha outros filhos, ela tratava os filhos dela super bem, mas eu ela tratava como escrava na casa dela. Se eu não fizesse as coisas direito, ela me

batia, me batia de vara, de pau, o que ela achava pela frente me batia. Então, não deixou eu estudar, não deixou eu terminar os estudos. Eu saí da escola pra trabalhar pra dormir. Ai eu pagava aluguel pra ela, morei nos fundos da casa dela e pagava aluguel. Quando eu fiquei grávida do meu filho fui pra lá, eu não podia trabalhar grávida. Ai ela pegou e me expulsou da casa, me deixou pro lado de fora com o meu filho e tudo com 4 meses, o Maicon nasceu prematuro né? Daí eu consegui uma casa pra trabalhar durante o dia e arranjei uma casa pra mim e até hoje eu moro de aluguel.

Luna: Então você foi bem resolvida...

Fernanda: Foi, eu tinha tudo pra o pegar meu filho e falar: 'olha cuida dele porque não dá'. Podia dar meu filho porque eu não tinha condições, passei fome e tudo. Vendi minhas coisas que eu tinha pra comprar comida. Vendi som, televisão a preço de banana só pra comprar um arroz e um feijão porque ela não tinha capacidade de falar: ' não fica aqui, depois você me paga e trabalha e segue sua vida'. Mas ela não teve consideração. Cheguei, minhas coisas estavam todas de fora e eu com o meu filho não sabia o que fazer. Mas Deus é grande e eu consegui passar por tudo isso.

Luna: Você foi bem forte.

Fernanda: É, não foi fácil não. Mas hoje eu estou bem. Posso dizer que eu estou bem, não passo fome, meu filho também não. Meu filho tem de tudo. Então, mas é isso, eu ainda até pus na minha cabeça. Será que a dona Lélia [uma patroa] tinha razão? Eu poderia ter tirado ele e não estar passando por tudo isso, mas eu falei não, ele não tem culpa, né? Quem tiver culpa, se tiver, são os pais porque eu não queria. Então, eu não vou fazer o que a minha mãe fez comigo. Vou fazer o melhor pro meu filho. Então, eu procuro me espelhar nisso, sabe? Não fazer o que ela fez, chegar e dá e sumi. Eu podia ter feito isso. Cheguei um dia a dormir na rua porque não tinha aonde ficar. Mas não fiz não. Trabalhei grávida, mas ai não deu certo porque eu ficava sozinha na casa, comecei a ficar com medo com pressão alta e foi ai que eu tive que ganhar ele. Trabalhei até grávida, a patroa me chamou, fiquei na casa dela, mas não deu, pelo menos tentei né? Hoje ela [mãe adotiva] vê o meu filho assim, mas não tem o mesmo carinho que tem pelos outros netos, ele

mesmo sente isso né? Ele pergunta: 'vó você gosta de mim?' e ela diz: 'ai que pergunta besta' não sei o quê. Agora eu nem passo na casa dela, não tenho raiva dela porque eu tinha todos os motivos pra ter. Mas não é aquela coisa de mãe mesmo. Ela nunca foi mãe.

Luna: Mas você vai visitar ela?

Fernanda: Eu moro na rua de cima e ela na rua de baixo. Então, quando eu passo e vejo ela na frente cumprimento tudo, mas não entro mais. Ela me maltratou demais. Demais mesmo, não teve consideração nem pro meu filho né? Quando ele nasceu ela não foi ver ele no hospital. Ela falou assim que só ia ver depois que saísse. Ai como eu recebi esse dinheiro que a mulher me pagou, ele não tinha nada de roupa. Eu gastei todo o dinheiro só pra comprar as coisas dele. E aí ela falou assim: 'pra quê você tá gastando esse dinheiro ai se você nem sabe se esse menino vai sair com vida'. Eu dizia que se ele sair ou não pelo menos a minha parte como mãe eu fiz né? Mas graças a Deus que você vê: tá um menino grande nem parece, né, que nasceu prematuro e segui minha vida e não foi fácil não. Mas hoje eu estou bem, graças a Deus. Tive que passar, assim, o pão que o diabo amassou para eu estar dizendo isso para você, mas não tenho raiva porque se você tem raiva você não vive né? Guarda um ressentimento assim que você acaba prejudicando você mesmo. Então, eu procurei a igreja. Fui parar em sanatório porque eu tomei remédio para me matar, queria morrer, mas não queria fazer o que ela queria que eu fizesse. Então, consegui dá a volta por cima por isso tbm. Isso antes do meu filho, foi no meu aniversário que eu fiz isso né? Ela queria que eu fosse morar com o filho dela, ser esposa do filho dela, cuidar dos filhos dele...

Luna: Isso a sua patroa?

Fernanda: Não, a minha mãe que ela falou que não tinha nada a ver, que não tinha sangue que eu podia muito bem ser mulher do filho dela, né, porque a mulher dele abandonou ele e deixou cinco filhos, ela queria que eu tomasse conta dos cinco e ficasse com o filho dela. Aí eu preferia morrer, tomei de tudo que tinha lá eu tomei: veneno de rato, tudo, mas Deus não queria que eu fosse ainda. Ai ela falou dessa ideia tudo, ai eu cuidei dos três netos dela durante três anos num barraquinho lá e eu pagava aluguel ainda. E ai depois ele arrumou uma mulher e a mulher pegou

e assumiu os filhos. Daí eu sai de lá, mas ela sempre jogava na minha cara: ' te peguei, fiz isso, fiz aquilo e você tem mais que a obrigação não sei o que', ela sempre jogou na minha cara. Quando ela me registrou, ela me fez pagar o registro que ela fez lá no cartório. Então, ela nunca foi mãe, ela nunca foi, mas por tudo isso eu não tenho raiva dela porque bem ou mal eu tou aqui viva, mas não teve nenhum carinho de mãe não, ela só jogava na minha cara e até hoje joga. Hoje a família que eu tenho que eu falo pra você, sou eu e meu filho e essa pessoa que eu arrumei agora. Mas fora isso não tenho família, assim...

Luna: Você não conhece sua mãe?

Fernanda: Meus pais não. Minha mãe também não. Ela falou que a minha mãe viu os outros filhos, né, que ela conheceu muito meu irmão. Agora ela disse que não lembra o nome da minha mãe. Então fica difícil eu procurar por ela.

Luna: Mas você acha que ela não lembra mesmo?

Fernanda: Eu acho que ela não quer falar, não tem como você pegar uma pessoa e não saber o nome dela, você não esquece, né? Não tem como. Aí sem nome fica difícil, né, você ir procurar.

Luna: "ocê tem vontade de...

Fernanda: Ah, meus irmãos sim, ela não. Se eu conhecer ela, vai ser como conhecer, assim, qualquer pessoa. Não vou ter sentimento de filha, de mãe algum coisa assim. Mas os meus irmãos eu tinha vontade sim. Tenho até medo, de repente, não sei você se envolve com uma pessoa e aquela pessoa é seu irmão. Sabe assim? Passa umas neuras na minha cabeça. Ah, eu fico, eu não conheço...

Luna: E o seu nome foi registrado pela mulher que cuidou de você?

Fernnada: É, na verdade, ela tinha usado o registro de uma menina que a mãe tinha esquecido lá. Ai era 'Fernanda', essa menina chamava Fernanda. Mas ela me chamava de Sandra porque minha mãe não tinha deixado nenhum registro. E aí acabou que eu fiquei usando o registro dessa menina para estudar. Aí com 14 anos que ela me registrou, não sei como ela conseguiu, mas não deu nenhum problema pra ela porque podia dar . Eu tava usando um registro de uma outra pessoa, né, de uma outra Fernanda, mas ela conseguiu me registrar porque a mulher que me criou

que eu trabalhei na Vila Olímpia ela queria me adotar, aí ela chamou ela. Eu contei pra ela tudo que eu passava lá. Não, vou chamar sua mãe e conversar com ela.Aí ela disse: 'Se você não registrar a Fernanda, a gente vai registrar ela e você vai perder todos os direitos'. Foi daí que ela correu e foi me registrar. Aí na hora que foi pra conversar lá, o juiz perguntou se ela cuidava bem de mim, tal, mas ela já tinha me ameaçado né? Ai eu já falei que sim que ela cuidava bem de mim. Se eu contasse a verdade, ela não tinha ganhado, ela não tinha ganhado não, mas eu fiquei com medo. E aí contei o contrário. Ai eu contei: 'não, eu gosto dela, cuida bem', mas se eu falasse o que eu passei ali naquela casa ela não tinha ganhado não e eles tinham me registrado, os meus patrões. Aí menti e aí sofri mais um pouco [risos]. É uma coisa que não apaga da minha memória. Meu passado eu não consigo apagar. Às vezes eu até me atrapalho um pouco, sabe, mas eu procuro esquecer, mas é difícil esquecer essas coisas assim.... complicado.

Luna: Mas acho que você superou, deu a volta por cima...

Fernanda: Dei, dei porque eu poderia ser uma pessoa revoltada, drogada, fazer tudo que eu não podia porque eu tinha motivo. Você vê essas pessoas na rua, você não sabe o que elas passam né? Muitas delas são umas coisas assim, meu, que acontece na vida que você vai procurar refúgio em uma droga, vai matar, vai roubar pra descontar o que fizeram com você, né, mas eu não pensei por esse lado eu procurei Deus e, né, e achei o melhor caminho é esse, né? Não adianta eu querer matar, roubar ou usar droga que eu vou estar me prejudicando, eu vou estar parando numa cadeia isso eu morri.

Luna: Ainda mais que você tem um filho...

Fernanda: Então, quero dar bom exemplo para ele porque o filho é exemplo da mãe, né. Ele é meu espelho. Todo lugar que ele entra: 'Ah, posso trabalhar aqui?', não sei o que porque eu só trabalho. Saio daqui vou pra outro e ele vai acompanhando, então, tá na cabeça dele que tem que ser assim. Se fosse o contrário ele queria ser outra coisa. Então ele é meu espelho e eu não quero decepcionar ele não que é por ele que hoje eu faço isso. Eu tava com a mente muito fraca só pensava em me matar, me matar, mas hoje eu penso em viver por ele, né. Eu olhava assim e não via razão pra viver... pessoas ao seu redor que não

gostavam de você, só gostavam quando você tinha dinheiro. Minha família não ligava pra mim, eu falei: 'ué, pra quê viver?', né, eu preferia morrer, mas parei com esse sentimento de pensar nisso, agora não penso nisso...

Luna: Mas que bom assim, tipo, você tá feliz, né..

Fernanda: Tô! Passei muita coisa, mas no final é de felicidade, sim...

Luna: Você tá feliz com seu marido?

Fernanda: Tô, tô sim... estamos aí, né. Eu fiquei viúva faz dois anos, né, a pessoa que eu tava faleceu de ataque fulminante e aí eu fiquei um tempo sozinha e ai apareceu esse. É gente boa, ele gosto do meu filho. O importante pra mim, não é nem gostar de mim é gostar do meu filho. Gosto do meu filho tá tudo certo e estamos dando bem, a gente tá tentando né? Tem cinco meses, mas...

Luna: Mas você gosta dele?

Fernanda: Gosto. Gostava, estou começando, assim, a gostar agora. Mas amar mesmo essas coisas ainda não. Eu amava meu falecido e eu não consigo esquecer ainda. Minha amiga disse que não adianta que eu tinha que dar continuidade na minha vida, ele não vai voltar mais, né, ai eu procuro uma pessoa parecida com ele assim e não é, ai fica difícil. Mas ela disse isso não existe. Vai ter que aguentar os defeitos dele e seguir sua vida, se não você vai ficar sozinha. Igual esse eu não vou achar mesmo. Cada um tem seu jeito de ser, mas eu estou tentando, não sei se vai dar certo não porque eu não consigo esquecer. Quando você não consegue esquecer acho que.... eu achava isso que eu arrumando uma outra pessoa eu ia conseguir, mas não consegui não. Acho melhor ficar eu e ele, meu filho só e seguir.. Ele fica muito presente na minha cabeça assim. O Alessandro me fazia isso, o Alessandro me ele fazia aquilo, sabe? Acho que não vai dar certo não, mas estamos ai, acho que não vai durar tanto não.. É melhor ser eu e meu filho mesmo. Por mais que ele ajude em casa porque ele ajuda sabe? Paga aluguel, paga as despesas, mas nada justo. Tá trabalhando lá em casa. Prefiro ficar sozinha em paz do que com uma pessoa que praticamente eu não gosto assim, estou tentando gostar, mas está difícil. Melhor sou eu e meu filho só e tá bom.

Luna: Bom é que você agora não depende de ninguém...

Fernanda: Não, graças a Deus não. Não preciso disso eu agora tenho o meu dinheiro, antes eu não tinha, né, ela pegava tudo que eu recebia né?

Luna: Você ficava aprisionada com isso né?

Fernanda: É. Só que ai quando ela começou a fazer isso eu combinei com a minha patroa, falei como que era a situação ai eu falei se ela pagar 800 falar para ela [mãe adotiva] que pagava 500, pra mim poder ficar com o dinheiro, entendeu? Como ela era ignorante até hoje e nãos abe de nada então dava pra fazer isso. Então, na cabeça dela eu ganhava 500 reais e guardava o dinheiro. Depois dos 18 anos eu também não dei mais dinheiro para ela. Ai morava no emprego mesmo e não ia mais para a casa dela.

Luna: E você tinha amigas ou não?

Fernanda: Ah, não, eu tinha, tinha amigas, assim, mas era mais amiga de balada. Uma amiga só que eu tive, mas ela não era daqui, ela era da Praia Grande. Ela me levou pra morar com ela, tudo, mas eu não gostei de lá e resolvi voltar e ficar do jeito que eu tava: trabalhando. Não me adaptei. Arrumei emprego lá e tudo, mas não deu. Lá era muito assim, parado. Estou costumada com São Paulo e essas loucuras de São Paulo Só dava pra ficar uma semana lá, depois disso você começa a ficar doido. Não tem nada. Mas eu ia morar com ela assim. Mas eu sou independente, graças a Deus.

Luna: Ah, eu acho que é isso... você acha que tem assim mais alguma coisa importante para falar?

Fernanda: Não, o mais importante eu acho que já falei da minha vida: da patroa que queria que eu tirasse meu filho...

Luna: Isso marcou bastante você, né?

Fernanda: Ah, marcou.. só que acho que ela ficou com o remorso porque todo o mês ela mandava presente pra ele. Ficou, ela ficou sim, com certeza. Mandava presente pra ele e tudo. Mas ela sempre me liga pedindo para eu arrumar uma empregada pra ela , ai eu arrumo de boa, sem problema nenhum, não tenho raiva dela não, mas ai é isso né? Eu tinha, minha amiga falou que eu podia processar ela, fazer o que eu quiser com ela porque o que ela tá fazendo com você não é justo. Te

mandar embora grávida, sem registrar e ainda querer que você aborte, né? Eu não fiz isso não porque eu sei que eu vou precisar trabalhar nessa área, então, qualquer coisa que você faz que você põe na justiça a outra patroa não te pega porque acha que você vai fazer a mesma coisa. Eu não vou me queimar não. Deixa pra lá... Maior é Deus nas nossas vidas. Mas é isso que eu te falei, não adiantou porque ela ficou com remorso, remorso é a pior coisa porque por mais que você tenta fazer você não vai amenizar nada da parte dela, porque dá minha eu estou em paz. Então, ela sempre me liga, quase todo mês, ela em liga. Não para empregada na casa dela então... me liga: "Ah, filha, você tem alguém pra mim? Você tem alguém pra Andrea?' Eu trabalhava também pra filha dela, tudo mundo lá. Ai quando tem um mando sem problema nenhum. 'Ah, como é que tá seu filho?' Meu filho tá bem, tá grandão já. 'Ah, deve estar bonitão..' Ah, tá. Mas, ela nunca viu ele não. Até a faxineira que eu achei que era minha amiga, mas não era, ela falou na frente dela: 'Ah, Fernanda, acho que é isso mesmo você tem que abortar, você não tem condições, olha sua vida como é que é'. Nossa, eu olhei assim pra ela e falei: 'Não acredito que você tá falando isso'...

Luna: Mas essa é uma decisão só sua, você que sabe se você tem condição ou não...

Fernanda: Não, a gente tem e se não tiver vai cata latinha, vai fazer qualquer coisa. Eu não concordo com isso de dar o filho ou abortar, não concordo mesmo. É uma coisa que eu não vou concordar nunca. Acho que sei lá, só se for um caso de estupro . Mesmo assim eu ainda não consigo muito... é complicado, né? Mas eu consegui e eu posso dizer que eu consegui, mas eu achei que eu não ia conseguir não, eu passei fome de 60kg que eu tinha eu tava pesando 40kg. Eu fiquei muito magra e meu filho ainda mamava no peito. Não sai nada, não tinha vitamina nenhuma. Era só arroz, feijão, arroz e feijão. Não tinha fruta, não tinha nada. Ai eu ganhei uma televisão do meu patrão vendia novinha por 50 reais foi ai que eu comprei umas coisas pra comer. Teve uma menina que começou a pedir as coisas nas portas, fez uma cestinha e mandou pra mim, é isso. Foi doido. Doido mesmo. Meu manequim de 42 caiu para 36. O pessoal achava que eu estava usando droga porque quando vocÊ fica magra assim tá usando droga. Eles não pensam outras coisas. Mas, hoje ninguém diz não que eu usava isso...

Luna: Mas tá bom, acho que era isso. Era mais isso, né? Tudo que...

Fernanda: Tudo que eu penso, sinto...

Luna: Porque o que importa pra gente nesse trabalho é isso, é a visão da emprega doméstica, de cada um e de cada pessoa e não qualquer outra coisa.

Fernanda: É, então tá bom.

Luna: Muito obrigada.

Fernanda: De nada.

História de vida com Rose

Mayara: Vou começar para você ver que é bem tranquila... Eu e mais pessoas estamos fazendo um trabalho para saber como é a vida das empregadas domésticas. A gente vai falar com muitas pessoas, na verdade a gente já falou com muitas pessoas, você seria uma das últimas, agora, e reunir tudo o que nos contarem para analisar essas coisas e escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir não precisa falar seu nome e para essa atividade eu só preciso que você não deixe de falar nada, que você fale as suas opiniões, suas impressões e sentimentos, tudo o que você quiser falar, você fala. Então, a única pergunta que eu vou te fazer é assim: me fala sobre a sua vida.

Rose: Ah, falar o que?

Mayara: O que você quiser sobre a sua vida, sobre a sua história...

Rose: Ah, eu vim aqui para São Paulo, né, casei aqui com o meu marido, que eu vim do interior para São Paulo, né, e estou trabalhando de doméstica há doze anos nessa casa... Mais coisa?

Mayara: O que você quiser... Como é a sua vida, como é a sua história, como você começou... O que você tiver para falar sobre você mesma... Pode demorar também, se quiser pensar, pode pensar...

Rose: Então tá, vou precisar pensar... Ai, você não tem uma dica?

Mayara: Não... O que você lembra, sobre a sua história... O que você quiser falar... Onde você nasceu... O que você quiser falar.

Rose: Ah, nasci em Guapiara, interior de São Paulo, né...

Mayara: Hum.

Rose: E, vim de lá para cá, daí comecei a trabalhar aqui, né, parei de estudar para trabalhar...

Mayara: Hum, e você estudou até quando?

Rose: Até a quinta.

Mayara: Ah. Hum.

Rose: E agora eu estou assim. Sei lá.

Mayara: E como é que é a sua vida?

Rose: Para mim é bom, né.

Mayara: Mas como é que é a sua rotina, as suas coisas...

Rose: É, eu levo a minha filha na escola, que eu tenho uma filha, né, levo na escola, depois volto aqui, trabalho, e a tarde eu pego ela, só isso. Aos domingos, vou na igreja. Só.

Mayara: Não tem mais nada?

Rose: Tem... De domingo eu vou na sogra, tem muita coisa, né, tem que falar tudo?

Mayara: Ah, pode ir falando o que você quiser, o que você achar que não tem problema de me falar, pode falar. Para mim é interessante saber...

Rose: Aham... Então... Acho que é só isso. Tem mais perguntas aí?

Mayara: Não, é só para você falar sobre a sua vida mesmo.

Rose: Hum. Ah, no momento a gente não... não lembra.

Mayara: Não?

Rose: Hum.

Mayara: Tá bom, então. Então acabou, é só isso mesmo. Obrigada, Rose.

3. Roteiros

Roteiro: Entrevista

Entrevistadora: Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir, pode não falar seu nome. Para essa entrevista, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes.

Básico: Qual é seu nome? Onde você nasceu? Quantos anos tem? Onde você mora? Desde quando você trabalha como empregada doméstica?

1. Como é a sua rotina como empregada doméstica no seu trabalho?

a) Você dorme no emprego?

b) Há crianças onde você trabalha?

c) Como você se desloca/vai até o trabalho?

d) E da sua casa, como você “dá conta”?

2. Como é o seu relacionamento com os patrões?

a) Com que frequência você os vê?

b) Vocês costumam conversar?

c) Como você é tratada por eles/pelos filhos deles?

d) Como você se sente no trabalho?

3. Como é o seu relacionamento com suas colegas domésticas?

4. Como é o seu relacionamento com colegas que trabalham em outras atividades?

5. E a carteira assinada, tem desde quando?

a) Você conhece seus direitos?

b) Você conversa sobre eles com suas colegas?

c) Ela mudou alguma coisa na sua vida?

Roteiro: História de vida

Entrevistadora: Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir, pode não falar seu nome. Para essa atividade, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes.

Me fale sobre a sua vida.

/ /

GRUPO: LUNA, MARIANA ESPINOSA, MARIANA PINTO, MAYARA E RENAN

EXERCÍCIO: GRUPO FOCAL

- OBJETIVO DE INTRODUÇÃO: EU E MAIS PESSOAS ESTAMOS FAZENDO UM ESTUDO PARA SABER COMO É A VIDA DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS. NÓS VAMOS FALAR COM VÁRIAS PESSOAS, REUNIR TUDO O QUE ELAS NOS CONTAREM, ANALISAR ESSAS COISAS, PARA ESCREVER UM TRABALHO SOBRE COMO VIVEM AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS, O QUE ELAS SENTEM, O QUE ELAS PENSAM, O QUE ELAS ACHAM // SE VOCÊS PREFERIREM PODEM NÃO FALAR SEUS NOMES. PARA ESSA ATIVIDADE NÓS PRECISAMOS QUE VOCÊS FALEM UM DE CADA VEZ, MAIS QUE NÃO DEIXEM DE FALAR EM HIPÓTESE NENHUMA, POIS TODAS AS OPINIÕES, SENTIMENTOS E IMPRESSÕES SÃO MUITO IMPORTANTES. fim!

- ESCOLHA DO PERFIL DO GRUPO: RECÉM-FORMULADA E FORMULADAS "DESDE SEMPRE" (vai ser possível? Quanto?)

- PERGUNTA INICIAL: COMO É SUA VIDA COMO EMPREGADA DOMÉSTICA?

- TEMAS LEVANTADOS EM FUNIL:

SUJEITO	POLÍTICA
- ROTINA	- ROTINA
- TRABALHO (CONDIÇÕES)	- AUTO-ESTIMA
- DIREITOS	- TRABALHO (CONDIÇÕES)
- INTERAÇÃO d OS PATRÕES	- INTERAÇÃO d OS P.
- AUTO-ESTIMA | - COMO SE SENTE	- DIREITOS
| - COMO É TRATADA	
- CARTEIRA ASSINADA	- CARTEIRA ASSINADA

Ron
set/12

guardar

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Ciências Sociais - Vespertino
FSL0204 – MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA II: Professora Paula Marcelino

Plano de Trabalho

Luna Zarattini
Mariana Esprega
Mariana Jacinto
Mayara Pan
Ticiana Labate

1) Tema: Empregadas domésticas e a formalização do trabalho.

2) Pergunta de Pesquisa: Em que medida a formalização do trabalho interfere na vida das empregadas domésticas?

3) Hipóteses de Trabalho:

- Empregadas domésticas sentem-se valorizadas, pessoal e profissionalmente, com a formalização do trabalho.
- À medida que adquirem essa formalização empregatícia, novos interesses políticos e sociais podem ser estimulados.

4) Campo: Empregadas domésticas formalizadas desde que começaram a trabalhar e empregadas domésticas recém-formalizadas (mínimo: 2 meses, máximo: 6), encontradas por meio de contatos próximos ou que respondam a anúncio em pontos de ônibus/condomínios.

5) Técnicas:

Entrevista semi-dirigida: oferece a possibilidade da abordagem individual de temas que interessam ao trabalho por meio de perguntas abertas, o que permite ainda a avaliação do encadeamento de ideias da entrevistada, ainda que em respostas diferentes.

Roteiro: Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir, pode não falar seu nome. Para essa entrevista, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes.

1. Como é a sua rotina como empregada doméstica?
a) Você dorme no emprego?
b) Há crianças onde você trabalha?
c) Como você se desloca/vai até o trabalho?
d) E a sua casa, como você "dá conta"?

2. Como é o seu relacionamento com os patrões?
a) Com que frequência você os vê?
b) Vocês costumam conversar?
c) Como você é tratada por eles/pelos filhos deles?

d) Como você se sente no trabalho?

3. Como é o seu relacionamento com suas colegas domésticas?

4. Como é o seu relacionamento com colegas que trabalham em outras atividades?

5. E a carteira assinada?

a) Você conhece seus direitos?

b) Você conversa sobre eles com suas colegas?

História de vida: ao perguntar sobre a vida da entrevistada, de forma aberta e bastante abstrata, é possível também avaliar o encadeamento espontâneo de ideias e assuntos, numa dimensão mais ampla, e identificar qual é o papel e a importância do emprego e da formalização para a empregada.

> **Roteiro:** Eu e mais pessoas estamos fazendo um estudo para saber como é a vida das empregadas domésticas. Nós vamos falar com várias pessoas, reunir tudo o que elas nos contarem e analisar essas coisas para escrever um trabalho sobre como vivem as empregadas domésticas, o que elas sentem, o que elas pensam, o que elas acham. Se você preferir, pode não falar seu nome. Para essa atividade, preciso que você não deixe de falar nada, pois todas as suas opiniões, impressões e sentimentos são muito importantes.
> Me fale sobre a sua vida.

6) Cronograma:

08/10 e 15/10 (encontros passados): Discussão da bibliografia e das limitações do trabalho, em especial do campo, elaboração do roteiro de perguntas.

22/10: Troca de contatos, definição de local das entrevistas e entrevistadoras.

23 a 29/10: Provável período de aplicação das técnicas de pesquisa.

7) Bibliografia:

Bibliografia Obrigatória

AVELINO, Mario. *O Futuro do Emprego Doméstico no Brasil.* Instituto Doméstica Legal. 1a. Edição – Versão 1.06. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2011. (lido)

BARROS, C. P. Hierarquia, escassez e abundância materiais: um estudo etnográfico no universo de consumo das empregadas domésticas. In: MIGUELES, C. (Org.). *Antropologia do consumo:* casos brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. pp. 101-127.

BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria Rosa. *A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo.* Cad. Pesqui. [online]. 2000, n.110, pp. 67-104. ISSN 0100-1574. Diponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742000000200003.

DE MELO, H. P. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. *Diagnóstico do Setor Serviços no Brasil.* Rio de Janeiro, IPEA, 1988. (lido)

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. O trabalho feminino e as desigualdades no mundo Produtivo no Brasil. *Políticas Públicas de Trabalho e Renda no Brasil Contemporâneo*. In Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil Contemporâneo. 2ed. São Paulo: Cortez.

Núcleo de Reflexão Feminista sobre o Mundo do Trabalho Produtivo e Reprodutivo. *Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico*. 1 ed. 2008 SOS Corpo. (lido)

Bibliografia Complementar

Trabalho Doméstico – Direitos e Deveres (3ª edição). Brasília: Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT), 2007. (lido)

1/11/12

guardar p/ anexar ao trabalho final